

Nome do Projeto:	A comunidade do município de Itaocara – RJ mobilizada e engajada no processo de ordenamento pesqueiro do Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul.
Período:	Relatório Técnico Final / 01 de outubro de 2005 a 30 de setembro de 2006.
Responsável:	Guilherme Souza
Instituição:	Associação dos Pescadores e Amigos do Rio Paraíba do Sul



Diagnóstico da cadeia produtiva pesqueira do município de Itaocara e seus impactos na fauna aquática do Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul.

Execução:
 Guilherme Souza
 Luiz Felipe de Oliveira Daudt
 Christian Natália Soares de Souza
 Ângela Nascimento
 Willian Reis

Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
 PARTNERSHIP FUND





Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



SUMÁRIO

1. Introdução	03
2. Objetivos/ produtos	04
3. O Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul	04
4. As Características dos pescadores artesanais do município de Itaocara	06
5. Metodologia	09
6. Resultados e discussão	11
7. Reuniões participativas	18
7.1 Primeira Reunião Participativa	18
7.2 Segunda Reunião Participativa	19
7.3 Terceira Reunião Participativa	21
7.4 Quarta Reunião Participativa	23
7.5 Quinta Reunião Participativa	23
8. Conclusão	25
9. Considerações Finais	25
10. Referências Bibliográficas	27
Anexo I - Questionários: médias das respostas	29
Anexo II - Instrução Normativa N° 130, de 30 de outubro de 2006	51
Anexo III - Lista de documentos necessários para obter a permissão de pesca e registro	54
Anexo IV - Lista de documentos necessários para a revalidação da Carteira de Pescador Profissional	55



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



Introdução

A Bacia Hidrográfica do rio Paraíba do Sul possui uma complexa situação territorial e administrativa. Dos seus 55.300 km², envolvendo 3 estados e 168 municípios, e com 1.137 km de extensão, são extraídos diariamente do rio cerca de 5 bilhões de água para consumo humano. A metade é utilizada pelo setor industrial e o restante, por cerca de 14 milhões de habitantes, incluindo 90% dos residentes na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro (Bizerril et al, 1998). Segundo os mesmos autores, ao mesmo tempo em que a água é retirada para diversos usos (domésticos, industriais, agropecuários e energéticos), o rio recebe diariamente um volume de esgoto da ordem de 1 bilhão de litros/dia, além de resíduos orgânicos industriais equivalentes a uma população de 4 milhões de habitantes.

O rio Paraíba do Sul nasce em São Paulo, recebe inúmeros afluentes de Minas Gerais, atravessa o território fluminense e deságua no norte do Estado, beneficiando uma vasta população. As suas águas são responsáveis pela geração de energia, irrigação de plantações, abastecimento de cidades e diluição de poluentes, além de promover o sustento de pescadores e a alimentação das populações próximas às suas margens.

A paisagem natural do rio Paraíba do Sul é naturalmente fragmentada, de tal forma que, embora pareça representar um único ecossistema, deve ser encarada como uma sucessão de ecossistemas que caracterizam 4 unidades geográficas distintas (Bizerril, 1998). Apesar dos inúmeros impactos ambientais que assolam o rio Paraíba do Sul (Mello, 1997; Aquino, L.C & Farias, C. M. M. C, 1998, Sevá, 2002) em uma das unidades geográficas deste importante rio, o curso médio inferior, mais precisamente na região denominada de domínio das Ilhas Fluviais, a situação é um pouco diferente no que concerne à preservação ambiental.

O Domínio das Ilhas Fluviais possui uma rica biodiversidade e ali ainda encontram-se todas as espécies de peixes da bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul que possuem valor comercial. De uma maneira geral, sua ictiofauna é relativamente preservada e composta por 66 espécies – diferente dos demais domínios da bacia hidrográfica, exauridos pela pesca predatória e afetados por inúmeros barramentos e pela poluição industrial e doméstica.

A alta diversidade do domínio das Ilhas Fluviais está correlacionada com a significativa flora ciliar das margens e ilhas fluviais (Louzada et al. 2004), e proporciona uma expressiva pesca artesanal, que gera centenas de empregos diretos e indiretos. Apenas no município de Itaocara existem 127 pescadores (as) artesanais (Câmara, 2005). Contudo, ali a pesca artesanal também é desorganizada e impactante, assim como o ordenamento e a utilização dos solos das margens e das ilhas. Algumas espécies já encontram-se ameaçadas de extinção, como a piabanha (*Brycon insignis*), o caximbau-boi (*Pogonopoma paraybae*), o surubim-do-Paraíba (*Steindacneridion paraybae*); uma espécie de crustáceo e um réptil: a lagosta-de-São Fidélis (*Machrobachium carcinus*) (Instrução Normativa N° 5, de 21 de maio de 2004) e o cágado-do-Paraíba (*Phrynops hogei*) (Rocha et. al, 2000).

Preocupado com a situação acima descrita, o Projeto Piabanha executou o programa de ordenamento pesqueiro participativo, com o envolvimento das comunidades de pescadores artesanais, dos donos de peixarias, bares, restaurantes, e das donas de casa, com o intuito de informar e conscientizar sobre a real situação do ambiente onde vivem e/ou exercem suas atividades, e influenciar políticas públicas. Nesse sentido, o relatório que se segue aponta para a necessidade de preservação dos recursos pesqueiros do Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior do rio Paraíba do Sul e do seu entorno, direcionando os atores para a plena realização dos seus direitos e deveres.

2. Objetivo

- Conhecer a situação pesqueira no município de Itaocara.
- Caracterizar a interrelação entre os diferentes públicos alvos entrevistados.
- Conscientizar as comunidades ribeirinhas para a conservação dos estoques pesqueiros do Domínio das Ilhas Fluviais com ênfase em cinco espécies aquáticas ameaçadas de extinção.
- Diagnosticar os principais problemas sócio-ambientais ligados a cadeia produtiva pesqueira do município de Itaocara - RJ;
- Elaborar um relatório técnico para ser encaminhado aos órgãos competentes ligados a pesca artesanal e ao meio ambiente.

3. O Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul

O Domínio das Ilhas Fluviais último trecho do Curso Médio Inferior do rio Paraíba do Sul, entre a cidade de São Sebastião do Paraíba e a foz do rio Dois Rios, encontra-se o domínio das Ilhas Fluviais que abrange os municípios de Aperibé, Cambuci, Itaocara, Santo Antônio de Pádua e São Fidélis (Figura 1).

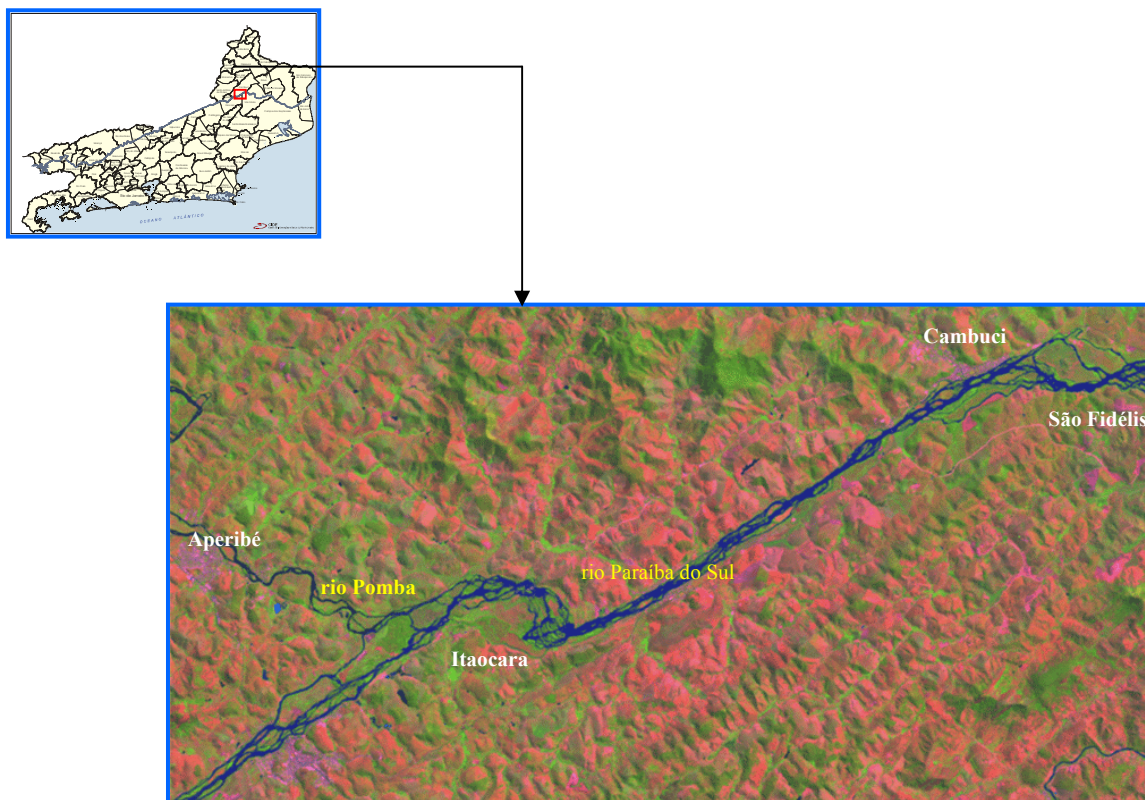


Figura 1 Área do Domínio das Ilhas Fluviais.

A fisiografia deste domínio é representada por um mosaico de mata ciliar relativamente conservada, pouco estudada e imprescindível para futuros programas de recomposição da vegetação e de preservação de espécies de peixes ameaçadas de extinção (Foto 1).

A presença das ilhas gera situações diferenciadas de batimetria e hidrodinamismo que, em conjunto com os produtos vegetais e animais característicos da vegetação, favorecem a ocorrência, a multiplicação e o desenvolvimento de inúmeras espécies aquáticas.

Observando a importância deste domínio, o Projeto Piabanha elaborou e executou o “Levantamento da Flora do Domínio das Ilhas Fluviais”, apoiado pela Associação Mico Leão Dourado e o pelo Fundo de Participação de Ecossistemas Críticos. Ao todo, foram identificadas 186 espécies vegetais distribuídas em 153 gêneros e 64 famílias botânicas (Louzada et al. 2004). Esses números são expressivos, quando se considera o escasso conhecimento disponível acerca da flora neste trecho. De acordo com levantamento realizado no herbário do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que reúne um acervo de mais de 100 anos de coletas botânicas, as coletas efetuadas nos municípios de Itaocara e Cambuci representam apenas 0,01% do total de coletas efetuadas no Estado do Rio de Janeiro e depositadas naquele herbário.



Foto 1: Ilhas Fluviais de Itaocara-RJ

Ainda em relação aos resultados encontrados pelo levantamento da flora, foi possível observar um elevado número de espécies vegetais que fornecem recursos alimentares (flores, frutos e sementes) à fauna íctica de uma forma geral, perfazendo 110 espécies, ou seja, 60% do total de espécies botânicas registradas para a região. Desta forma, pode-se dizer que o elevado aporte de materiais de origem vegetal proporciona uma grande oferta de alimentos, caracteriza a região como área de alimentação para os peixes e assim, mantém uma expressiva pesca artesanal que, ao longo dos anos, vem exercendo um enorme esforço de captura nos estoques de valor comercial.

Observa-se no arranjo ictiofaunístico inventariado nesse domínio, além de espécies remanescentes de hábitos localizados, uma parcela de espécies migratórias, dentre as quais podem ser citadas o dourado (*Salminus maxillosus*), a curimatã (*Prochilodus lineatus*), os piaus (Anastomidae), alguns bagres (Siluriformes) e a piabanha (*Brycon insignis*). Devido aos desmatamentos das matas ciliares dentre outros fatores, alguns destes grupos de valor comercial desapareceram dos domínios situados no curso superior do rio. Estes mesmos grupos também encontram-se em acelerado declínio no Domínio das Ilhas Fluviais. É o caso emblemático da piabanha (*Brycon insignis*) que, embora seus estoques comecem a demonstrar sinais de recuperação com os programas de educação ambiental e repovoamento do Projeto Piabanha, ainda continua com o status oficial de ameaçada de extinção. Dentre os motivos dos declínios populacionais de espécies de peixe na região destacam-se os desmatamentos, os inúmeros barramentos hidrelétricos ao longo dos rios Paraíba do Sul e Pomba, a excessiva pesca predatória e o gigantesco acidente fluvial promovido pela Empresa Cataguazes de Papéis quando, em 2003, vazaram para o rio Pomba, aproximadamente, 1.2 bilhão de litros de efluentes industriais (Foto 2).

De acordo com Bizerril et al, 1998, a bacia do rio Paraíba do Sul conta com 169 sendo que 66 estão descritas para o Domínio das Ilhas Fluviais. No período do desastre (Foto 3), o Projeto Piabanha efetuou o levantamento preliminar dos peixes apresentados mortos, chegando a uma relação de 39 espécies seriamente atingidas, embora com a continuidade da pesquisa esse resultado possa ser muito superior totalizando todas as espécies inventariadas para a região do Domínio das Ilhas Fluviais



Foto 2: Acidente fluvial

Em virtude da escassez dos estoques a jusante do rio Paraíba do Sul, a pressão da pesca pelos pescadores artesanais e esportivos foi intensificada a montante da foz do rio Pomba e as populações já combalidas pela pesca predatória cotidiana diminuíram ainda mais.



Sem possuir uma outra fonte de receita e, por pertencerem à uma classe completamente desarticulada, os pescadores intensificaram a pesca nos estoques de reprodutores remanescentes, muito embora o IBAMA tivesse decretado o Período de Defeso em função do acidente relatado. Nesse contexto, o Projeto Piabanha realizou ações voltadas exclusivamente para o ordenamento pesqueiro da região através do cadastramento oficial na SEAP-PR/Colônia dos Pescadores Z-21 de São Fidélis – RJ e um estudo sócio econômico abaixo descrito.

Foto 3 - Pescador artesanal enterrando centenas de peixes mortos no acidente ambiental. Fonte: Jornal O Dia.

4. As Características dos pescadores artesanais do município de Itaocara

No Domínio das Ilhas Fluviais existem inúmeras famílias de pescadores artesanais fluviais que costumam ser lavradores ou biscateiros e se distinguem daqueles que possuem barco com motor.

Os pescadores artesanais de Itaocara/RJ costumam se reunir para pescar em sociedade, unidade doméstica que pode reunir membros de uma mesma família ou de família diferente, mas pertencentes a uma mesma localidade ou povoado (Foto 4).

Exploram um ambiente ecológico limitado, pescam quando podem, especialmente à noite e segundo a necessidade imediata e disponibilidade do que fazer para ganhar a vida. Trabalham também na lavoura, quando a terra é disponível e, entre outras atividades, de quebra-galhos na construção civil (tabela 1).



Foto 4: Pescadores artesanais de Itaocara retirando uma rede de espera.

Tabela 1 – Grau de comprometimento dos pescadores artesanais com a pesca no município de Itaocara – RJ (Câmara, 2004).

Grau de comprometimento com a pesca artesanal	Nº de pescadores	% de pescadores
pescadores que vivem exclusivamente da pesca	87	68,5
possuem outras atividades informais, em sua maioria na agricultura	40	31,5
Total	127	100

O barco a remo não lhes permite ir muito longe. Utilizam pequenas redes, tarrafas, linha de mão e armadilhas rústicas para a captura do pescado. A cooperação existente nesse grupo é simples, no sentido que a divisão do trabalho é bastante reduzida. Em princípio, cada pescador tem conhecimento e experiências suficientes para exercer todas as tarefas relativas à pequena pesca, mas não possuem capacidade para a aquisição de redes devido ao seu alto custo. A reposição de uma rede muitas vezes é fruto de parcas economias feitas em outras atividades não-pesqueiras, de empréstimos de amigos ou agiotas da cidade.

Na medida em que uma parte da produção se destina ao autoconsumo e não há salário a ser reposto, a noção de custos de produção é bastante vaga. Esses custos se limitam, em muitos casos, à compra esporádica de fios de náilon para a recomposição da rede. Muitas vezes, tanto o pano de rede como o fio para reparos vem do atravessador.

No que diz respeito ao beneficiamento, pescadores e atravessadores desconhecem as técnicas tanto de conservação, quanto de abate e beneficiamento do pescado resultando em um produto final fora das especificações mínimas de qualidade (Foto 5 e 6).



Foto 5: Pescado armazenado no fundo do barco esperando o momento do beneficiamento.



Figura 6: Pescadores artesanais beneficiando o pescado às margens do rio Paraíba do Sul.

O pescador artesanal de Itaocara, sem exceção, não agrega valor ao seu pescado. Trabalham o suficiente para atender a uma quantidade bastante reduzida de necessidades (tabela 2).

Tabela 2 – Receita média mensal dos pescadores artesanais do Município de Itaocara – RJ (Câmara, 2005).

Receita média por pescador	Nº de pescadores	% de pescadores
Até meio salário mínimo	19,05	15
0,5 a 1,0 salário mínimo	34,29	27
1,0 a 1,5 salário mínimo	33,02	26
1,5 a 2,0 salários mínimos	16,51	13
2,0 a 2,5 salários mínimos	15,24	12
2,5 a 3,0 salários mínimos	6,99	5,5
3,0 a 3,5 salários mínimos	1,9	1,5
Total	127	100

Gutberlet et al (2030) estudando a situação sócio-econômica de comunidades de pesca no alto médio e baixo rio São Francisco, constatou que no município de Januária-Ba, rio São Francisco, em média o pescador recebe R\$300,00/mês, ou seja, valores próximos aos encontrados no município de Itaocara-RJ.

Porque os estoques pesqueiros encontram-se em franco declínio e a força de trabalho não é considerada um custo de produção que tenha um preço, há uma tendência à superexploração da própria força de trabalho e de seus familiares. Existe também um acirramento da pesca predatória utilizando tamanhos de malhas inadequadas (tabela 3). A pesca predatória é intensificada pelos pescadores que possuem barcos à motor, cuja agilidade permite que cubram áreas muito maiores (tabela 4). Alguns desses pescadores que possuem motor nas embarcações utilizam também compressores, proibidos por lei, para a pesca do camarão-do-paraíba.

Tabela 3 – Percentagem das malhas mais utilizadas na pesca artesanal do Município de Itaocara - RJ (Câmara, 2005).

Malhas mais utilizadas na pesca	% de utilização
malha 07	5,1
malha 08	19,2
malha 09	21,4
malha 10	14,1
malha 11	9
malha 12	15,6
malha 13	8,7
malha 14	5,4
malha 15	1,5
Total	100

Tabela 4 – Número e percentagem dos pescadores que possuem ou não embarcação para pesca artesanal no Município de Itaocara-RJ (Câmara, 2005).

Embarcação	Nº de pescadores	% de pescadores
não possuem embarcação	13	10,2
barco à remo	111	87,4
barco à motor	3	2,4
Total	127	100

A ausência ou o baixo nível de escolaridade dos pescadores artesanais (tabela 5) faz com que desconheçam os mais elementares direitos e deveres para exercer a cidadania. Permanecem distantes das normas que regem o ordenamento das atividades pesqueiras e são despreocupados em relação à extinção dos recursos naturais que tanto necessitam (tabela 6).

Tabela 5 – Grau de escolaridade dos pescadores do Município de Itaocara – RJ. (Câmara, 2005).

Grau de escolaridade	Nº de pescadores	% de pescadores
analfabetos	16	12,6
entre 1ª e 4ª série	70	55,1
entre a 5ª a 8ª série	32	25,2
chegaram ao segundo grau	9	7,1
total	127	100

Tabela 6 – Perfil documental dos pescadores artesanais do município de Itaocara – RJ (Câmara, 2005).

Documentação	Nº de pescadores	% de pescadores
Possuem carteira de pescador profissional emitida pela Colônia de Pescadores Z-21	27,94	22
Possuem as carteiras da Colônia Z-21 e a da SEAP	21,59	17
Não possui nenhuma documentação oficial da atividade, mas gostariam de obtê-la	76,2	60
Não se mostraram interessados em se legalizar	1,27	1
Total	127	100

Obs: dentre todos os pescadores apenas 17,3% conhece a Legislação Pesqueira.

5. Metodologia

A região de estudo abrangeu três distritos do município de Itaocara - RJ, ambos ribeirinhos, à saber: o 1º Distrito – sede do Município, o 3º Distrito – Portela e o 4º Distrito - Batatal, no trecho compreendido entre as coordenadas UTM 786.000 / 7.595.000, incluindo a área de confluência deste rio com o rio Pomba, até a coordenada UTM 825.000 / 7.615.000, no limite do município Cambuci (Foto mapa LandSat.)

As atividades necessárias ao atendimento dos objetivos do Projeto foram executadas em campo e no escritório do Projeto Piabanha durante os meses de novembro de 2005 a dezembro de 2006.

Durante este período foram realizados 7 diferentes etapas de trabalhos:

Etapa 1: Repasse de informações aos públicos-alvos

Foi elaborado e impresso um folder educativo, 5.000 tiragens, utilizando informações sobre o Domínio das Ilhas Fluviais para serem distribuídos ao longo da proposta de trabalho.

Etapa 2: Elaboração e aplicação de quatro questionários técnicos abordando temas sócio-ambientais direcionados aos públicos-alvo: donas de casa, donos de bares e restaurante, donos de peixarias e para os pescadores artesanais (Anexo I).

As perguntas dos questionários foram dirigidas às donas de casa (8% = 570 pessoas), proprietários de bares e restaurantes (100% = 18), pescadores artesanais (50% = 63) donos de peixarias (75% = 3), ambos munícipes de Itaocara. Desta forma procurou-se identificar o conhecimento e as atitudes gerais da população em relação à época da piracema. Também foi abordado, a segurança financeira dos pescadores artesanais durante a proibição da pesca e assuntos complementares, como, por exemplo, o conhecimento geral da população em relação ao tamanho mínimo das espécies de peixe permitido para a captura, captura de espécies ameaçadas de extinção e alternativa econômica para ser utilizada durante o período da piracema etc. A aplicação dos questionários foi dividida por classes sociais objetivando atingir uma representatividade o mais heterogênea possível. Com o intuito de facilitar a compreensão dos entrevistados foram utilizadas fotografias dos animais ameaçados de extinção, assim como, uma régua para se obter os tamanhos mínimos de captura baseado nas informações dos pescadores entrevistados.

Etapa 3 – Análise dos dados

As respostas dos quatro diferentes questionários foram repassadas para o computador e por sua vez processadas através de um programa o que permitiu a formação de um banco de dados, contendo a sistematização dos dados primários individualizados por questionários. Também foi realizada análise estatística descritiva para todas as variáveis observadas. Os dados obtidos foram analisados com auxílio do Sistema de Análises Estatísticas e Genéticas (SAEG). Procedeu-se análise de correlação de Pearson para as variáveis estudadas que além de viabilizar múltiplas análises de caráter sócio-ambiental para serem apresentadas e debatidas durante as reuniões participativas.

Etapa 4 – Reuniões Participativas para disseminação e debate referente aos resultados dos questionários.

Ao todo foram realizadas 5 reuniões participativas. A primeira reunião foi aberta para toda a comunidade. As quatro reuniões seguintes foram direcionadas aos pescadores (as) artesanais e seus respectivos (as) cônjuges.

As reuniões participativas ocorreram em quatro locais distintos:

- Primeira reunião: Colégio Estadual Frei Tomáz/ Itaocara;
- Segunda reunião: Ilha dos Escalheços/Ilha localizada entre os municípios de Itaocara e Aperibé;
- Terceira reunião: Cabana do Peixe Frito/Associação dos Pescadores Profissionais do Rio Paraíba do Sul (APPRPS)/Porto marinho;
- Quarta reunião: Caso do Sr. Abel/Portela;
- Quinta reunião: Rekanto do Peixe/Pescadores da Associação dos Pescadores Profissionais do Rio Paraíba do Sul (APPRPS)/Porto Marinho;

Com exceção da primeira reunião, os resultados foram repassados durante as reuniões participativas de forma informal utilizando apenas os gráficos, impressos em folha A4, relacionados a cada resposta dos questionários ficando os intervalos entre os gráficos, abertos para discussões.

A metodologia utilizada na primeira reunião foi mais abrangente devido a disponibilidade de infraestrutura. Sendo assim, foi possível apresentar a peça teatral “O Pescador” visando sensibilizar os convidados e só então foram apresentados os resultados através de um projetor multimídia.

Ao final de cada reunião foi oferecido aos convidados um lanche de confraternização.

Com o intuito de compilar os temores, os anseios e, sobretudo, as sugestões dos participantes, posteriormente as reuniões foram elaborados relatórios individualizados para cada reunião.

Etapa 5 – Elaboração do Relatório Técnico Final: "Diagnóstico da cadeia produtiva pesqueira do município de Itaocara e seus impactos na fauna aquática do Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul".

Etapa 6 – Publicação dos resultados do Relatório Técnico Final em um jornal de circulação regional.

Etapa 7 – Encaminhamento do Relatório Técnico Final para as seguintes entidades:

- Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP-PR);
- Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Estado do Rio de Janeiro (SEMADUR);
- Instituto Brasileiro Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA);
- Batalhão Florestal da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro;
- Programa Nacional de Desenvolvimento da Pesca Amadora (PNDPA);
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Itaocara;
- Colônia de Pescadores Z-21 de São Fidélis;
- Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – Comissão de Meio Ambiente/ALERJ;
- Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul/CEIVAP;

6. Resultado e discussão

Nos quatro questionários procurou-se identificar, entre outras observações, se as atividades do Projeto Piabanha influenciaram as respostas dos entrevistados.

As donas de casa, quando perguntadas se compravam peixes do rio Paraíba do Sul (rPS) durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro (pergunta 14), 331 ou 59% disseram que sim compravam peixes durante tais meses, 201 ou 35% disseram que não compravam e 30 ou 6% responderam não lembrar de tal prática. Tais dados possuem uma estreita relação com a pergunta posterior, ao serem perguntadas se sabiam o que era período da piracema (pergunta 15). Ao menos para o público donas de casa ficou claro que o descumprimento da Lei ocorre devido a falta de informação, uma vez que 357 (63 %) responderam não conhecer tal fenômeno. Contudo, uma vez informadas, e ao serem perguntadas se continuariam a comprar peixes pequenos e peixes ovados pescados na piracema 515 (90%) das donas de casa responderam negativamente, destacando que deixariam de comprar peixes do rPS ao menos durante este período reprodutivo. Apesar das perguntas 14 e 15 possuírem uma relação entre si, os resultados revelaram a falta de correlação entre conhecer o Projeto Piabanha e assim, respeitar o período do Defeso ou mesmo saber o que é piracema.

Na pergunta 7 – Quando você, pescador, pesca a piabanha, você a solta?, a soma dos grupos que responderam que soltam o peixe piabanha ou soltam dependendo do tamanho do exemplar, também teve alta correlação (82%) com o número de pescadores que responderam que conheciam as atividades do Projeto Piabanha.

O mesmo se sucedeu com as respostas referentes às perguntas 42,43 e 44 do questionário dos pescadores, que dizem respeito à captura de peixe pequeno e diminuição do estoque pesqueiro (peixes e lagostas); possuem correlação entre si (67 a 79%) e com as respostas referentes à pergunta 2 (Você sabe o que é o Projeto Piabanha?), deixando claro que os pescadores conhecem o problema através das informações transmitidas pelo Projeto Piabanha.

Em relação aos donos de bares e restaurantes, as perguntas 2 (Você sabe o que é o Projeto Piabanha?) e 5 (referente à compra de pescado durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro) demonstraram uma correlação de 95%, ou seja, 61,11% dos comerciantes que conheciam o Projeto Piabanha, são os mesmos que não compram peixes do rio durante os meses em que ocorre a piracema. Já as respostas da pergunta 6 – Se você soubesse que durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro a pesca no rio Paraíba do Sul é proibida por Lei, ainda assim você continuaria comprando o pescado deste rio? – demonstraram 87% de correlação com aquelas da pergunta 2.

As respostas dos entrevistados demonstraram que uma parte do público é bem informada porque conhece o trabalho do Projeto Piabanha. Outros, desconhecendo o fenômeno da piracema, compram o peixe do rio durante o período reprodutivo. Todavia, como ocorreu com as donas de casa, assim que os comerciantes tomam conhecimento de que a compra que estão fazendo é ilegal, passam a rejeitar a idéia de comprar pescado durante tal período. Os dados colhidos demonstram ainda que as atividades informativas do Projeto Piabanha atuam satisfatoriamente junto aos pescadores e donos de bares e restaurantes, mas não tem a mesma projeção educativa com as donas de casa.

As respostas das donas de casa referentes a pergunta 27 (Deixaria de comprar a piabanha se soubesse que está ameaçada de extinção?) - 92,69% - e a 30 (Deixaria de comer o cágado se soubesse que está ameaçado de extinção?) - 94,13% - reforçam a idéia que as donas de casa possuem algum conhecimento sobre a necessidade de proteger os estoques ameaçados, mas que este conhecimento não foi necessariamente adquirido através do Projeto Piabanha. As respostas das perguntas 32 e 33 reforçam essa hipótese, uma vez que 92,69% das donas de casa responderam que se interessavam pelas causas ambientais e 97,69% responderam que deveria existir uma fiscalização mais eficiente durante o período da piracema.

Como alternativa para o aumento da disponibilidade de pescado para o mercado consumidor, e de renda para os donos de peixarias, tanto as donas de casas quanto os donos de peixarias se mostraram favoráveis à compra e venda de peixes cultivados. Ao serem perguntadas se já haviam consumido peixes de piscicultura, 485 (85%) das donas de casa afirmaram positivamente – de um total de 10 espécies, a carpa, a tilápia e o tambaqui foram os mais apreciados. Ainda em relação ao mesmo tema, 392 (69%) donas de casa disseram que consumiriam peixes marinhos ou de criação ao invés dos peixes pescados irregularmente no período da piracema, se esta ação fosse colaborar com o aumento dos estoques pesqueiros do rPS. 136 (24%) alegaram que não consumiriam e 36 (6%) se mostraram indiferentes ao consumo dos peixes cultivados. Quando esta última pergunta foi correlacionada com a pergunta 4 (Você possui o hábito de comer peixe marinho?) o resultado demonstrou uma baixa correlação e isto foi positivo indicando que as pessoas aceitam a mudança, mas que ela não será espontânea. Em relação à pergunta 11 (peixes originários de pisciculturas), as donas de casa responderam de forma semelhante.

Quando perguntados se deixariam de vender peixes pescados durante o período da piracema em função da venda de peixes originários de pisciculturas, diante da hipótese de que seus clientes fossem bem informados e conscientizados, 100 % dos donos de peixarias se mostraram abertos à comercialização dos peixes cultivados em detrimento da comercialização dos peixes do rPS. O mesmo ocorreu com os donos de bares e restaurantes que possuem peixes de criação em seu cardápio (pergunta 24). Mais de 80% dos entrevistados venderia peixes de piscicultura durante o período do defeso.

Se por um lado, a piscicultura pode vir a contribuir com a diminuição da pesca predatória no período da piracema, por outro ela poderá desencadear impactos de natureza social e ambiental. Em relação ao social atua diretamente na exclusão de grande parte dos pescadores artesanais adeptos da pesca durante o período da piracema. O que não seria bom, ao menos neste primeiro momento. Tal impacto seria amortecido ou absorvido se os pescadores estivessem registrados como pescadores profissionais na Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP/PR). Dentre as competências estabelecidas para a SEAP/PR, encontra-se “organizar e manter o Registro Geral da Pesca, previsto no art. 93 do Decreto-Lei n° 221, de 28 de fevereiro de 1967”. No entanto não é isto o que ocorre e por sua vez, a grande maioria dos pescadores artesanais exerce a pesca predatória quando a opção mais correta seria esperar o período do defeso terminar.

Através dos questionários constatou-se que, dos 63 pescadores entrevistados, 55 ainda não possuem o registro de pescador profissional, por essa razão, se tornam incapazes de receber a verba a eles destinada durante a época de piracema (Seguro Desemprego) – um salário mínimo durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, o que possibilitaria que os mesmos parassem a atividade da pesca sem comprometer os seus orçamentos familiares.

Em relação ao impacto ambiental promovido pelas pisciculturas, este já ocorre em grande escala devido aos inúmeros rompimentos ou transbordamentos de tanques e/ou açudes dispostos ao longo do rio e seus afluentes. Devido aos rompimentos, segundo Bizerril (1998), o rio Paraíba do Sul já possui inúmeras espécies alóctones (espécie de peixe originária de outra bacia hidrográfica) como o tambaqui (*Colossoma macropomum*)(Foto 6), o pacu (*Piaractus mesopotamicus*)(Foto 7), o dourado (*Salminus maxillosus*) (Foto 8), o tucunaré (*Cichla ocellaris*)(Foto 9), o camboatá (*Hoplosternun litorale*) (Foto 10), a curimatã (*Prochilodus lineatus*)(Foto11), como também espécies exóticas oriundas de outros continentes. No rio Paraíba do Sul já são encontradas as carpas asiáticas: carpa comum (*Ciprinus carpio*)(Foto 12), a carpa capim (*Ctenopharyngodon idella*)(Foto 13), a carpa cabeça-grande (*Aristichthys nobilis*); e espécies africanas: bagre africano (*Clarias garipinus*) e a tilápia (*Oreochromis niloticus*) (Foto 14).

Atualmente outras espécies brasileiras alóctones também já compõem o arranjo ictiofaunístico do rio Paraíba do Sul (observação pessoal), como é o caso do piauçu (*Leporinus macrocephalus*) (Foto 15), da pirapitinga (*Colossoma brachypomum*) (Foto 16), e da matrinxã (*Brycon cephalus*) (Foto 17).

A matrinxã poderá se constituir numa grande ameaça à espécie nativa piabanha (*Brycon insignis*) (Foto 18), caso a sua população venha a se estabelecer na bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul. No ambiente natural, durante a fase juvenil, a piabanha é ictiófaga (se alimenta de outros peixes), insetívora (insetos) e, eventualmente, frugívora (frutas e sementes). Quando adulta come frutos, sementes, insetos e, eventualmente, pequenos peixes (GIRARDI et al. 1993). Pizango-Paima et al. (2001), após analisarem o conteúdo estomacal de 205 exemplares de matrinxã (*Brycon cephalus*), coletados em ambiente natural por um período de um ano, encontraram diferentes tipos de alimentos. Os itens de origem vegetal estavam distribuídos em sementes (51,4%), flores (26%) e frutos (9,5%). Segundo estes autores, a oferta alimentar está relacionada às oscilações do nível da água, existindo uma sazonalidade na dieta do matrinxã (*Brycon cephalus*). Os mesmos autores observaram uma diferenciação alimentar entre os períodos da seca, cheia e enchente, tanto para itens de origem vegetal quanto para os de origem animal. A maior disponibilidade de proteína na dieta do matrinxã é no período da seca e está relacionada ao consumo de alimento de origem animal. Entretanto, a maior fonte energética alimentar é composta de frutos e sementes, no período da enchente e cheia, Pizango-Paima et al. (2001). Tais dados corroboram com o alto grau de competição que poderá existir entre a piabanha e a matrinxã, porque possuem alimentação muito parecida (Foto 19).

A semelhança entre a bionomia de espécies nativas e introduzidas é um aspecto que pode conduzir a um processo de exclusão de grupos que possuem menor potencial biótico. Possivelmente, esse fenômeno, associado às alterações ambientais da bacia, poderia explicar a redução nos estoques de piabanhas e o concomitante aumento na população de dourados (*Salminus maxillosus*) (Bizerril, 1998). Segundo o mesmo autor, processo similar se observa com relação ao curimatá nativo (*Prochilodus vimbooides*) (Foto 20), cada vez mais raro, e o seu equivalente introduzido (*P. scrofa*), hoje denominado de *P. lineatus* e muito mais abundante.

Uma solução para a redução da entrada de novas espécies e espécimes na bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul seria a substituição das espécies “invasoras” criadas em açudes e represas, por espécies nativas, com suposto potencial zootécnico, como é o caso da piabanha, do piau branco (*Leporinus cornirostris*) (Foto 21), da grumatã (*Prochilodus vimbooides*), do surubim-do-Paraíba (*Steindacneridion parahybae*) (Foto 22), do bagre amarelo (*Rhandia paraybae*), do sairú (*Cyphocharax gilbert*) e até mesmo do lambari-do-rabo amarelo (*Astyanax bimaculatus*) (Foto 23). Segundo Scott (2006), atualmente existe uma crescente tendência para a adoção de cultivo de peixes nativos e que tal tendência pode ser entendida como um esboço de resposta ocasionada por avanços na educação ambiental, na valorização da biodiversidade, e também porque espécies introduzidas como as tilápias, carpas e trutas, nem sempre trazem apenas bons resultados. Ainda segundo Scott (2006), “pacote tecnológico pronto”, criação de tilápias, por exemplo, sem dúvida, é um atalho interessante e valioso, mas que comprovadamente já trouxe consigo males de introdução, incluindo parasitos e enfermidades de seu ambiente natural, além de consequências ecológicas até hoje mal compreendidas e potencialmente indesejáveis.

Em função da sua excelente aceitação entre a comunidade, a criação de espécies nativas substituiria o extrativismo predatório durante o período de defeso. Algumas instituições como a Darwin Initiative, do governo britânico, já apóiam a transferência de biotecnologia emergente para as comunidades ribeirinhas e divulga a importância da manutenção das espécies e estoques pesqueiros nativos através da educação ambiental, desenvolvendo a aqüicultura em pequena escala de maneira sustentável e de forma a reduzir a pressão nos estoques nativos, assegurando o futuro para as espécies (Scott, 2006).



Foto 6: tambaqui



Foto 7: pacu



Foto 8: dourado



Foto 9: tucunaré



Foto 10: camboatá



Foto 11: curimatã ou carpa-do-rio



Foto 12: carpa comum



Foto 13: carpa capim



Foto 14: tilápia



Foto 15: piauí

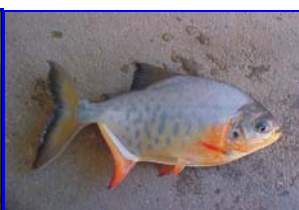


Foto 16: pirapitinga



Foto 17: matrinxã



Foto 18: matrinxã e piabanha



Foto 19: piabanha



Foto 20: grumatã



Foto 21: piauí-branco



Foto 22: surubim-do-paraíba



Foto 23: lambari-do-rabo amarelo

Em relação às atividades decorrentes da pesca como a captura, venda e distribuição do pescado no município de Itaocara, foi observado que há desconhecimento do público-alvo em relação aos procedimentos básicos de proteção e manutenção dos estoques pesqueiros, bem como das normas legais estabelecidas pela legislação em vigor.

Muitos pescadores ignoram completamente tal necessidade devido a inúmeros fatores, o desconhecimento dos fatores biológicos é um deles. Um exemplo pode ser evidenciado a partir da pergunta 35, questionário dos pescadores, quando os mesmos foram perguntados qual era o tamanho da primeira reprodução do piau vermelho (*Leporinus copelandii*) (Foto 24).



Foto 24: piau vermelho

Como resposta afirmaram que a espécie faz a primeira reprodução com exemplares apresentando entre 13 a 41 cm. De certa forma estes tamanhos compreendem o tamanho em que as fêmeas, no ambiente natural, estão sexualmente maduras. Contudo, a grande amplitude entre os tamanhos não demonstrou, com um mínimo de exatidão, qual o tamanho aproximado da primeira reprodução. Apenas uma minoria, 12 pescadores (19,05%), demonstraram conhecer o tamanho aproximado da primeira reprodução, a qual ocorre com fêmeas apresentando entre 18 a 21 cm. Segundo Costa (2005), entre as fêmeas de *Leporinus copelandii*, coletadas no rio Paraíba do Sul, o menor exemplar apresentou comprimento padrão de 19,1 cm e o maior 35,3 cm. Estes exemplares apresentaram ovários em estágio de maturação gonadal avançada (preparados para desovar) e desovado, respectivamente, evidenciando aptidão para a reprodução.

O mesmo desconhecimento ocorre em relação a carpa-do-rio ou curimatã (*Prochilodus lineatus*). Exemplares sexualmente imaturos – jovens desta espécie, entre 15 a 25 centímetros, são pescados indiscriminadamente durante a época da piracema, e beneficiados em forma de filé. Apesar da falta de informação em relação ao tamanho mínimo de captura do *Prochilodus lineatus* no rio Paraíba do Sul, técnicos do Projeto Piabanha observaram que só a partir de 26 centímetros de comprimento, em média, é que as fêmeas desta espécie fazem a primeira reprodução. 39,06% dos pescadores entrevistados apresentaram valores que não condizem com aqueles observados pelo Projeto Piabanha e afirmaram que as fêmeas da citada espécie desovam com um tamanho inferior.

Desta forma, os pescadores artesanais promovem um extenuante esforço de captura nos estoques em formação de *Prochilodus lineatus* uma vez que 40,85% dos pescadores entrevistados afirmaram ser a curimatã a espécie mais pescada. Como a pesca faz parte de um elo na cadeia produtiva o impacto se prolonga entre as peixarias, as donas de casa e os donos de peixarias. No caso das peixarias a espécie ocupar o primeiro lugar no ranking das espécies mais pescadas fora do tamanho mínimo de captura vendida sob a forma de filé. O mesmo ocorre entre os bares e restaurantes uma vez que 27,03% afirmaram comprar mais a curimatã.

A pesca no período da piracema é tão intensa que o quilograma de curimatã é vendido entre R\$1,50 a R\$3,00 dependendo dos tamanhos dos exemplares, sendo os peixes capturados fora do tamanho mínimo os mais baratos.

O mesmo raciocínio em relação ao tamanho mínimo de captura pode ser aplicado para as outras espécies de valor comercial da região aludida, uma vez que não sabem com o mínimo de exatidão, o tamanho da primeira maturação gonadal.

Outro tema relevante deve-se ao conhecimento dos pescadores em relação ao período da piracema. Ao serem perguntados se conheciam o que era piracema, 54 pescadores responderam conhecer o fenômeno e apenas 9 disseram não conhecer. Contudo, a maioria (47 pescadores) alegou pescar durante o período, mesmo conhecendo a proibição da pesca, quando os peixes estão ovados e preparados para a reprodução. Entre as donas de casa, 63,64% disseram não conhecer tal fenômeno.

Ao serem perguntados se deixariam de pescar peixes pequenos ou pescados no período da piracema, se tal atitude contribuísse para o aumento da quantidade de peixes no rio, a totalidade dos entrevistados se mostrou favorável à paralisação da pesca. Apesar do resultado ser favorável para o meio ambiente, pois seria a medida mais correta a ser utilizada para que os estoques pesqueiros se restabeleçam, na prática isso é pouco provável, uma vez que a maioria dos pescadores não possui o registro da pesca e, conseqüentemente, o direito de receber o Seguro Desemprego.

Em relação aos poucos pescadores que possuem o registro da pesca e pagam anualmente ao INSS as contribuições devidas, um número significativo ainda continua pescando durante o período de defeso. Grande parcela dos pescadores legalizados relata que o atual processo para receber o seguro é muito complicado, caro e demorado. Geralmente, a primeira parcela é liberada com pelo menos dois meses de atraso. Sem ter como sobreviver, não conseguem parar de pescar. Outros pescadores legalizados pescam porque ignoram completamente a Lei que rege a pesca (Decreto-Lei N° 221, de 28 de fevereiro de 1967), a Portaria do IBAMA, que determina o período do defeso (Instrução Normativa N° 130, de 30 de outubro de 2006) (ANEXO II) e a Lei dos Crimes Ambientais (Lei N° 9.605 de fevereiro de 1998), fundamentais para o ordenamento e eficiência da proteção ambiental e reposição natural dos estoques pesqueiros.

O caos pesqueiro se materializa quando a falta de informação ambiental é aliado à falta de fiscalização e ao difícil e burocrático processo de legalização. Uma das dificuldades está relacionada também à distância entre o município de Itaocara – RJ e o município-sede da Colônia de Pesca Z 21, de São Fidélis, que realiza o cadastro (São Fidélis – RJ). Os 60 km que separam estes dois municípios dificultam e oneram o processo de legalização. Uma vez registrados na Colônia Z-21 e na SEAP/PR, o próximo passo é a entrada da documentação nas agências do INSS ou da Caixa Econômica, onde os pescadores se deparam com funcionários desinformados e ficam desanimados. Não é difícil encontrar também, pelas ruas de Itaocara, pescadores solicitando recursos financeiros para custear o transporte até os distantes pontos oficiais para a legalização (Colônia Z-21/São Fidélis e SETRAB/Santo Antônio de Pádua).

Ao final do processo, o pescador terá um gasto médio de 320,00 reais (taxa da Colônia, taxa de expedição da Carteira de Pescador Profissional, alimentação durante os deslocamentos, deslocamentos propriamente ditos, fotocópias, fotografias, 2 contribuições do INSS etc.) (Anexo III), isto sem contabilizar o tempo despendido pelo próprio pescador. Neste caso passaria dos R\$ 380,00. Mais não fica só nisto. Segundo a Cartilha do Usuário do Registro Geral da Pesca – RGP (Direitos e benefícios para quem vive da pesca), os pescadores profissionais já inscritos no RGP, a Carteira de Pescador Profissional deverá ser revalidada a cada dois anos, por meio de Visto Bienal do Escritório Estadual da SEAP/PR. Ao final de dois anos, será expedida uma Nova Carteira de Pescador Profissional. No Caso de registro inicial – a Carteira de Pescador Profissional deverá ser revalidada um ano depois de sua expedição, por meio de visto anual. Ao Término do terceiro ano, deverá ser procedida a segunda revalidação, por meio de Visto Bienal, totalizando um período de cinco anos de validade da carteira. Ao final dos cinco anos, será expedida uma nova Carteira de Pescador Profissional. Vale ressaltar que para a revalidação da Carteira de Pescador Profissional, o interessado deverá apresentar uma nova bateria de documentação, sendo assim, novos gastos (Anexo IV).

Como se não bastasse o trabalho dispensado, a primeira parcela do seguro desemprego demora em média dois meses para ser liberada, ao passo que deveria estar disponível assim que o IBAMA baixasse a Portaria decretando o período do defeso. Diante deste quadro indaga o pescador: “Tentar a sorte almejando a obtenção das parcelas do Seguro Desemprego ou praticar a pesca, de forma clandestina, durante a piracema?” A grande maioria opta pela segunda alternativa, e o sonho de se preservar espécies ameaçadas de extinção fica retido nas malhas das redes e nos tortuosos caminhos da burocracia. Vale ressaltar que a grande maioria dos pescadores de Itaocara possui baixo índice de escolaridade, o que dificulta as leituras dos formulários e a compreensão do processo de cadastramento – veja tabela 6.

Ainda no ciclo da clandestinidade, apesar de duas peixarias afirmarem que não compram pescado durante a piracema (33,33%) ou só trabalham com estoques congelados (33,33%), segundo os pescadores entrevistados todas vendem peixes pescados ilegalmente. Segundo a portaria do IBAMA e, ainda, segundo a Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605), durante o período da piracema não pode haver comercialização de peixes de origem extrativista, a menos que seus estoques tenham sido inventariados antes da data da

portaria (Instrução Normativa N° 130, de 30 de novembro de 2006). No entanto, tal inventário jamais foi feito em Itaocara, e muito menos houve fiscalização dos órgãos competentes. Desta forma, o pescado é comercializado sem o menor pudor. Esse comércio ilícito não é reprovado pelas donas de casa, porque, como já foi visto, desconhecem a questão.

No caso das espécies ameaçadas de extinção descritas para a região do Domínio das Ilhas Fluviais - região que abriga os municípios de Aperibé, Cambuci, Itaocara, São Fidélis e Santo Antônio de Pádua - duas delas ainda aparecem nos balcões e ranking de vendas, como é o caso da piabanha e da lagosta-de São Fidélis (*Macrobachium carcinus*) (Foto 25). Estas duas espécies são pescadas e comercializadas, pequenas ou grandes, tanto fora como durante o período do defeso, muito embora pescadores e donos de bares saibam que as populações estão diminuindo.

Em relação à lagosta-de-São Fidélis a situação é um pouco pior. Segundo Oliveira (2003), o pico reprodutivo desta espécie ocorre em março, ao passo que o período do defeso apenas contemple os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Desta forma, o período reprodutivo da citada espécie fica parcialmente desprotegido.

Situação parecida pode ser aplicada para a espécie denominada de piau vermelho (*Leporinus copelandii*), não ameaçada de extinção. Costa et al. (2005) estudando a biologia reprodutiva de piau vermelho (*Leporinus copelandii*) observou que a fase final do processo de maturação gonadal teve início a partir do mês de agosto, atingindo o pico reprodutivo em setembro, quando os indivíduos foram considerados aptos à reprodução. O período do defeso para esta espécie não assegura totalmente a sua desova.

Tendo em vista a baixíssima frequência de captura das espécies ameaçadas de extinção, como o caximbau-boi (*Pogonopoma parahybae*) (Foto 26), o surubim-do-Paraíba (*Steindacneridion parahybae*) e a grumatã (*Prochilodus vimboides*), conforme pode ser observado nas respostas das perguntas 9,10 e 11 (questionário dos pescadores) e nas respostas 10 e 11 do questionário referente aos donos de peixarias, ficou demonstrado que, se já não estão extintas, encontram-se no limiar da extinção, na região estudada.



Foto 26: caximbau-boi capturado por um pescador da APPRPS, logo após a realização da quinta reunião participativa.



Foto 25: lagosta –de-São Fidélis

Com o cágado-de-hogey (*Phrynops hogey*) (Foto 27), a situação não é diferente. Apesar de 82,54% dos pescadores saberem que o animal está ameaçado de extinção, 73,02% do número total de pescadores entrevistados responderam já ter comido o animal. 26,98% afirmaram já ter comido os ovos da espécie, apesar de conhecerem o trabalho do Projeto Piabanha. Em relação às donas de casa, 215 (38,32%) já ouviram falar sobre o cágado e 32 (5,69%) afirmaram já ter comido o animal. Contudo, ao serem perguntadas se deixariam de comer o cágado-de-hogey, uma vez que a espécie está ameaçada de extinção, o resultado não foi significativo e nem ficou demonstrada uma sensibilização em relação a causa. 33 donas de casa (5,87%) afirmaram que não deixariam de come-lo. Os consumidores do cágado consideram sua carne muito saborosa e não demonstraram vontade de reverter a

situação.

De uma maneira geral, a comunidade deixa transparecer que não compreende a importância da biodiversidade local e não consegue correlacionar o tema biodiversidade com a qualidade de vida.

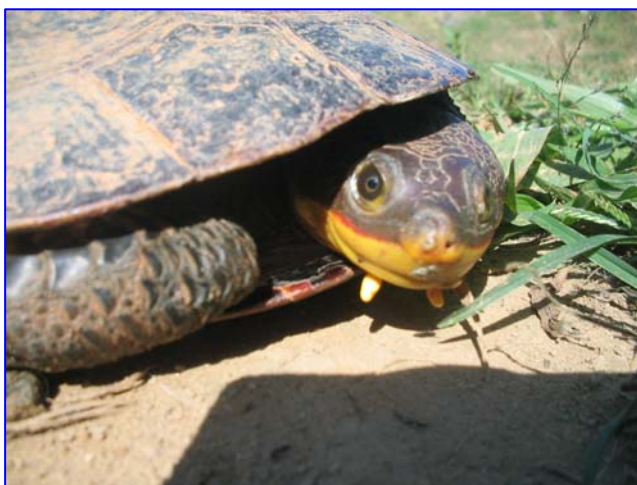


Foto 27: Cágado-do-Paraíba

7. Reuniões participativas

7.1 Primeira Reunião Participativa

No dia 27 de setembro de 2006, o Colégio Frei Tomás recebeu um grande público para celebrar o programa de ordenamento pesqueiro que o Projeto Piabanha desenvolve com o patrocínio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos, uma iniciativa conjunta da Aliança para a Conservação da Mata Atlântica formada pelas instituições Conservação Internacional e Fundação S.O.S Mata Atlântica. Durante o encontro, o público presente teve a oportunidade de assistir à peça teatral denominada O Pescador, com conteúdo de conscientização e mobilização popular. Patrocinada pelo Comitê para a Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul - CEIVAP, a peça alerta para os malefícios causados pela poluição, degradação e a pesca predatória no rio Paraíba do Sul, e foi assistida com supremo interesse (Foto 28).



Foto 28 Apresentação da peça teatral “O Pescador”.

A seguir foram apresentados dados referentes às características ambientais do Rio Paraíba do Sul mais precisamente sobre a região do Domínio das Ilhas Fluviais (Aperibé, Itaocara, Cambuci e São Fidélis). Só então foram apresentados os resultados relacionados aos questionários do programa de ordenamento pesqueiro com uma preleção do diretor-geral do Projeto Piabanha, Guilherme Souza, no sentido de que houvesse uma análise crítica dos presentes em relação às perguntas e respostas ali contidas.

Nesses questionários, cujas perguntas foram dirigidas às donas de casa (8% = 570 pessoas),

proprietários de bares e restaurantes (100% = 18), pescadores artesanais (50% = 63) donos de peixarias (75% = 3), munícipes de Itaocara. Procurou-se

identificar o conhecimento e as atitudes gerais da população em relação à época da piracema. Também foi abordada a segurança financeira dos pescadores artesanais durante a proibição da pesca e assuntos complementares, como, por exemplo, o conhecimento geral da população em relação ao tamanho mínimo



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



das espécies de peixe permitido para a captura, a captura de espécies ameaçadas de extinção e alternativas econômicas para serem utilizadas durante o período da piracema.

Em função dos dados apresentados, durante a preleção do Guilherme houve intenso debate e interesse do público presente. Segundo relato de alguns, tornou-se óbvio de que já existe uma conscientização e mobilização no município graças aos programas que o Projeto Piabanha tem desenvolvido através dos anos, mas que seria preciso dar continuidade com a intensificação de campanhas efetuadas através da mídia em geral. A TV Local, parceira do Projeto e, ali representada pelo Sr. Julio, demonstrou interesse em levar à casa dos telespectadores informações pertinentes à preservação dos estoques pesqueiros. A elaboração de cartazes e banners foram muito sugeridas como boas alternativas de divulgação e conscientização para reduzir a captura de animais ameaçados de extinção, assim como, reduzir a pesca durante o período da piracema.

Também ficou constatado que existe uma urgência em relação ao cadastramento dos pescadores artesanais. Neste sentido o Projeto Piabanha e a Prefeitura Municipal de Itaocara aumentarão os seus esforços para que um maior número de pescadores artesanais inicie o processo de registro na Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República. O Prefeito Municipal de Itaocara já se mostrou sensibilizado com a causa, inclusive oferecendo um ônibus para levar os pescadores para a Colônia Z 21, em São Fidélis, a fim de se cadastrarem e assim, obterem a verba do seguro-defeso durante o período da piracema.

Sobre a forma alternativa de produção de pescado ficou patente que a piscicultura poderia ser uma saída produtiva para minimizar a comercialização de pescado durante o período da piracema, contanto que essa atividade fosse organizada e responsável. Neste sentido, deveriam existir recursos financeiros para promover pesquisas visando à criação de peixes nativos, como a piabanha, o piau-branco, a curimatã e até a traíra.

Em relação ao desenvolvimento de empreendimentos de lazer e turismo, foi citado o exemplo do Sr. Nino, que montou uma estrutura de caráter hoteleiro numa ilha fluvial. Ela demonstra claramente, ser possível realiza-la com sucesso. Nino atende aos itaocarenses e turistas procedentes de regiões diversas, inclusive estrangeiros. Já recebeu inúmeros políticos, autoridades, representantes das classes produtoras do país e o vice-presidente das Organizações Globo.

Movido pela curiosidade, o público fez perguntas ainda mais abrangentes e distintas. Muitas delas foram direcionadas a maneira pela qual é realizada a desova induzida no laboratório do Projeto Piabanha. Outras, ao índice de mortalidade dos peixes soltos no rio e aos agentes que causam poluição e degradação. Houveram muitas manifestações de indignação e desagrado contra moradores que atiram utensílios e objetos no rio Paraíba do Sul. A fiscalização ineficiente do rio pelo Setor Público também foi objeto de desagrado do público participante e muitos a consideraram inexistente. A FEEMA, e, principalmente o IBAMA, são tidos como ausentes e os principais responsáveis.

O não comparecimento dos políticos do município, assim como o representante do Batalhão da Polícia Florestal à cerimônia foi considerado ultrajante, dado que, na qualidade de representantes dos anseios populares, fugiram de suas obrigações mais elementares.

O encontro no colégio Frei Tomás teve como desfecho a degustação de peixes criados em cativeiro, uma solução proposta pelo Projeto Piabanha para incentivar a piscicultura e evitar a sobrepesca.

7.2 Segunda Reunião Participativa

O segundo encontro foi direcionado exclusivamente aos pescadores artesanais e suas respectivas esposas, dado que elas consertam redes, limpam os peixes capturados e também participam da pesca como parceiras.

A Ilha dos Escalhenços, o local escolhido, não poderia ter sido melhor. Localizada no centro do Rio Paraíba do Sul, entre os municípios de Itaocara e Aperibé, a ilha abriga uma tradicional comunidade pesqueira, composta por 10 famílias. Com o apoio das dedicadas professoras, Rossana Bairral Viegas e Kátia Carriello, que diariamente cumprem a nobre missão de alfabetizar os pescadores residentes, eu,

Guilherme Souza, repassei para os 26 participantes o resumo dos resultados da nossa pesquisa (Foto: 29). O objetivo principal foi discutir os resultados dos questionários visando sensibilizar e conscientizar, com o intuito de conduzir os pescadores para um redirecionamento da pesca voltado para a sustentabilidade pesqueira.

Os participantes do encontro manifestaram grande interesse em relação aos temas aludidos. Ao tomar conhecimento de que, entre os 67 pescadores (as) entrevistados, 54 sabiam descrever o que era o processo da piracema e paravam de pescar conforme delibera a Lei do Defeso da Pesca, um dos pescadores presentes manifestou-se e atribuiu essa atitude ao fato de que eles estão registrados na Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República. Prosseguiu com sua colocação afirmando que o registro lhes permite o acesso ao seguro desemprego durante os meses da piracema (novembro, dezembro, janeiro e fevereiro), quando recebem um salário mínimo por mês para ficarem inativos.

Infelizmente, esse raciocínio não condiz com a realidade. Segundo levantamento do Projeto Piabanha dos 63 pescadores (as) entrevistados (as), apenas 8 possui o registro da pesca e, possivelmente, param suas atividades.

Segundo um dos pescadores presentes, Sr. Josémar, dentre os pescadores que já possuem o registro da pesca, alguns não recebem o benefício do seguro desemprego porque não pagam o que é devido ao INSS ao longo do ano – duas mensalidades de R\$ 30,50, perfazendo um total de R\$ 61,00/ano. Desta forma, não lhes resta outra alternativa senão continuarem a praticar a pesca ilegalmente.

Entre os pescadores (as), foi unânime a constatação de que as peixarias não param de vender peixes durante o período da piracema, embora os proprietários de duas, entre as três peixarias entrevistadas, tivessem alegado que paravam. – “Como param de vender se eu não paro de pescar e vender para eles?”, afirmou indignado um dos pescadores presentes. Em tom de protesto e, coerente com a opinião geral, um outro pescador se manifestou dizendo: – “Os (as) compradores (as) também são culpados (as)! Além de comprarem os peixes pequenos, ainda compram os pescados no período da piracema!” concluiu. E prosseguindo no seu raciocínio afirmou: – “Se não comprassem não teríamos para quem vender, e, neste caso, teríamos obrigatoriamente que nos legalizar para ter acesso ao benefício do seguro desemprego e, aí sim, ficaríamos sem pescar!”.

Outro tema bastante discutido entre os pescadores (as) presentes foi a pesca dos exemplares de peixes pequenos, destinados para o beneficiamento sob a forma de filé. Segundo os mesmo, tal prática ocorre de forma corriqueira entre os pescadores e donos de peixarias, uma vez que o produto é muito procurado pelas donas de casa devido a sua praticidade.

Quando à discussão foi direcionada para o tema relacionado aos animais ameaçados de extinção, todos os pescadores, sem exceção, declararam que a cada dia que passa está mais difícil de se capturar o peixe piabanha. Quando uma é capturada, disse um dos pescadores, o peixe é pequeno e muito diferente das belas piabanhas, de até cinco kg, que eram pescadas durante a sua juventude. Em relação ao desaparecimento das outras espécies de peixes ameaçadas de extinção, que outrora existiam em grandes quantidades no Domínio das Ilhas Fluviais, como o caximbau-boi ou leiteiro, a grumatã e o surubim-do-paraíba, todos os pescadores declararam que são animais desconhecidos por, praticamente, todos os jovens. Tais afirmações, acrescidas ao resultado contidos nas respostas dos questionários, alimentam a idéia de extinção das espécies aludidas.

Em relação à caça do cágado-do-Paraíba, ficou claro nas entrevistas que é um animal muito apreciado na culinária pesqueira. Apesar de reconhecerem a crescente queda populacional da espécie, muitos



Foto 29: Reunião participativa na escolinha improvisada da Ilha dos Escalhenços

continuam caçando e os ovos do cágado também são muito consumidos por alguns pescadores. Assim como em muitas regiões do país, a caça de animais ameaçados ou não de extinção se intensifica durante os períodos em que a pesca se torna escassa. Ficou claro, devido aos comentários dos (as) participantes, que os mesmos não estão sensibilizados (as) em relação ao quadro de extinção animal.

Em um dado momento do encontro cogitou-se na formação de uma associação de pescadores (as) exclusiva dos integrantes da comunidade da Ilha dos Escalhenços. O intuito seria organizar a pesca local e trazer melhores condições de vida para seus residentes, uma vez que não possuem água potável, saneamento básico etc. Contudo, um dos pescadores observou que isso seria muito difícil de acontecer. – “Aqui as cabeças não giram para o mesmo lado”, protestou.



Apesar das dificuldades, ficou decidido que haveria uma eleição presidida pela professora Rossana Bairral Viegas, para eleger um representante comunitário.

Terminada a reunião, todos foram convidados para um alegre lanche de confraternização (Foto: 30).

Trinta dias após a Reunião Participativa, a comunidade dos Escalhenços elegeu dois líderes comunitários para representar os anseios da sua comunidade, o Sr. Josemar e o Sr. Valter.

Foto 30: Local: Lanche de confraternização ao final da Reunião Participativa.

7.3 Terceira Reunião Participativa

O terceiro encontro foi direcionado para os pescadores artesanais e suas respectivas esposas (Foto 31).



Foto 31: Pescadores artesanais com suas referidas esposas durante a terceira reunião participativa.

Distante 19 quilômetros da sede do município de Itaocara, o local conhecido como Cabana do Peixe Frito é considerado como uma região muito piscosa, onde residem, aproximadamente, 35 pescadores artesanais. Na iminência de se regularizarem como pescadores artesanais profissionais e, sobretudo, se fortalecerem institucionalmente com o intuito de se oporem ao empreendimento hidrelétrico da Empresa Light, que almeja instalar a UH Itaocara na região aludida, os pescadores fundaram, em 2002, a Associação dos Pescadores Profissionais do Rio Paraíba do Sul (APPRPS). Passados alguns anos, no entanto, os objetivos gerais não foram atingidos e desencadearam a incredulidade entre os associados. Segundo o presidente da APPRPS, Sr. Josias, por não possuir conhecimentos adequados em gestão participativa, não conseguiu administrar a APPRPS devidamente e, aos poucos, os associados foram perdendo o interesse voltado para regularização da

atividade pesqueira. Ainda, segundo o presidente, a falta de motivação aumentou quando se depararam com a dificuldade em obter o Novo Registro da Pesca.

A burocracia, a morosidade do processo e a falta de apoio da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República, acrescidos à falta de interesse e divergências internas entre os

associados da APPRPS, foram determinantes para que os resultados da entidade se tornassem pífios. Os poucos registros de pesca obtidos e a falta de liderança entre os associados estão fomentando a falência institucional e dissolvendo uma das poucas associações cujos interesses estavam voltados para um processo de ordenamento pesqueiro no Rio Paraíba do Sul.

Foi diante de uma situação de incredulidade e abandono que se realizou a terceira reunião participativa com os pescadores artesanais. Infelizmente, a participação dos pescadores deixou a desejar. Apenas quatro pescadores estiveram presentes e, somente dois, levaram suas respectivas esposas (Foto: x). Contudo, a reunião pôde ser realizada e, como já era de se esperar, sob inúmeros protestos, que revelaram o panorama caótico da pesca profissional artesanal na região.

Basicamente, a discussão girou em torno dos seguintes temas: a inoperância da APPRPS; a falta de uma política pública voltada para os recursos pesqueiros da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul; a barragem hidrelétrica de Ilha dos Pombos e a falta de fiscalização durante o período da piracema, o tema mais abordado pelos presentes e tido como a única solução para reverter a situação do anárquico panorama pesqueiro. Sob a percepção deste pequeno grupo, de uma forma geral, os pescadores estão desacreditados e ignoram, completamente, os dois princípios básicos que norteiam suas atividades: os seus direitos, e os deveres também. E apesar de conhecerem os problemas básicos relacionados ao declínio dos estoques pesqueiros, atentam contra a sustentabilidade desses estoques com práticas predatórias seguindo à risca a regra da coletividade ecologicamente incorreta: “Faço porque todos fazem!”.

Os pescadores presentes também relataram que, além da diminuição dos estoques, ocorre a diminuição da qualidade, entre as espécies de pescado. Assim, espécies de peixes migradores que até oito anos atrás eram facilmente capturadas, como o piau-branco (*Leporinus conirostris*) e o piau-vermelho (*Leporinus copelandii*), se tornam cada vez mais raras. O mesmo se pode dizer em relação aos cascudos viola e acari. Em relação às espécies reconhecidamente ameaçadas de extinção, como é o caso do surubim-do-Paraíba (*Steindacneridion parahybae*), da grumatã (*Prochilodus vimboides*), e do caximbau-boi (*Pogonopoma parahybae*), o quadro é ainda mais desolador.

As informações recebidas pelos pescadores favorecem as suspeitas do Projeto Piabanha de que, se tais espécies já não estão extintas encontram-se no limiar da extinção. Quanto à espécie piabanha (*Brycon insignis*), apesar de ameaçada, a situação é um pouco mais confortável. Segundo os próprios pescadores, devido aos repovoamentos executados pelo Projeto Piabanha essa espécie vem apresentando um acréscimo populacional, apesar dos ainda baixos índices de captura.

Nesse clima de desolação e insatisfação permanente, os pescadores participantes do encontro asseguram que, ali na região, o que cai na rede é peixe. Também abatem a lagosta-de-São Fidélis (*Machrobachium carcinus*) e o cágado-do-Paraíba (*Phrynops hogey*), e não se importam com os reforços de estoque executados pelo extenuante trabalho do Projeto Piabanha, se o peixe encontra-se ovado ou ameaçado de extinção, ou se o tamanho dos exemplares é pequeno. Para se ter uma idéia do caos, segundo os pescadores presentes, a pesca predatória é praticada por todos os associados da APPRPS, inclusive pelo atual presidente.

A prática predatória é generalizada entre a classe dos pescadores, muito embora ela não corresponda às respostas dos pescadores participantes dos questionários. A falta de fidelidade nas respostas de sessenta e três pescadores entrevistados foi motivo de discussão entre os presentes. Segundo eles, as perguntas pertinentes aos temas relacionados à pesca no período da piracema; à captura e soltura de peixe ovado; à captura e soltura de peixe pequeno; ao volume de pescado capturado e/ou à captura de peixe ameaçado de extinção, foram respondidas levemente. Vale ressaltar que os pescadores presentes também fizeram parte do questionário e, possivelmente, também responderam levemente. Tal comportamento demonstrou, mais uma vez, uma consciência coletiva pautada na pesca predatória. Possivelmente temiam represálias por parte do Projeto Piabanha ou dos órgãos competentes quando escolheram o caminho da inverdade ao responder as perguntas dos questionários.

Os pescadores que participaram do encontro também externaram outros fatores significativos que contribuem para o caos da pesca na região: a total falta de consciência dos donos de peixarias que incentivam a pesca do peixe pequeno, como também durante a piracema; a utilização de malhas proibidas



Apoio:



por Lei; o atraso na liberação dos recursos do Seguro Desemprego; a escada de peixes da Usina Hidrelétrica de Ilha dos Pombos etc;

7.4 Quarta Reunião Participativa

A quarta reunião participativa ocorreu em Portela, 3º distrito do município de Itaocara. Esta comunidade possui aproximadamente x habitantes. Aproximadamente, 23 são pescadores (as) artesanais.

O local escolhido pelos pescadores para a realização da reunião foi o pátio da residência do líder comunitário Sr. Abel, por possuir excelente infra-estrutura para alguns eventos, sendo inclusive utilizado semanalmente pelos Alcoólicos Anônimos. O encontro ficou marcado para o dia seguinte, às 15 horas.

Apesar da grande mobilização, um único pescador compareceu na hora marcada. Também decepcionado com a falta de interesse dos seus companheiros de pesca, foi ao encontro deles com o intuito de convence-los a participar do evento. Ao retornar, trouxe a informação de que os convidados não viriam porque já sabiam do que se tratava e, desta forma, não obteriam nenhuma nova informação. Segundo eles, o tema legalização da pesca não era relevante e por essa razão não faziam questão de participar do encontro, apesar de estarem ociosos na praça local, distante apenas trezentos metros.

Mesmo diante deste quadro de desinteresse, a reunião foi conduzida. O único presente lamentou mais uma vez a ausência dos companheiros e comentou que a atividade pesqueira passa por um momento crítico: “cada um faz o que quer! Ninguém está interessado em se registrar e assim receber o Seguro Desemprego, pescar ilegalmente é muito mais fácil!” concluiu. Ainda, segundo ele, praticamente todos os pescadores locais não se importam com o tamanho mínimo de captura, como também se os animais estão ameaçados de extinção, os peixes ovados, ou se o período é o da piracema. Tal comportamento também se estende aos pouquíssimos pescadores que possuem o Registro e que, mesmo recebendo o seguro, não param de pescar. Continuando a relatar o seu ponto de vista, acrescentou que os pescadores não param, inclusive ele mesmo, por dois grandes motivos: em primeiro lugar, porque não existe fiscalização alguma e o segundo motivo devia-se ao fato de que ninguém pára de comprar o que é pescado. Tudo é vendido, tranqüilamente. Apesar de considerar que toda esta prática está errada, ainda acredita que o caminho é o da legalidade, seguido de uma fiscalização eficaz. Contudo, ainda não se registrou porque alega não ter conseguido juntar o dinheiro necessário para o processo. Por possuir três filhos, tudo que recebe com a venda do pescado é gasto, no mesmo dia, com a compra de mantimentos. Nos dias em que não consegue capturar nada, a alimentação da família é reduzida dramaticamente. Sem outra solução para atenuar seu problema financeiro, acaba migrando para atividades rurais como a capina de pasto.

7.5 Quinta Reunião Participativa

Embora não tivesse sido prevista uma quinta reunião, ela ocorreu a pedido dos pescadores da Associação dos Pescadores Profissionais do Rio Paraíba do Sul (APPRPS), localizada em Porto Marinho, distrito de Itaocara. O fato foi atribuído à ausência deles na terceira reunião, numa atitude de desagravo ao atual presidente da APPRPS.

A reunião ocorreu no Rekanto do Peixe, um estabelecimento rústico voltado para o turismo da pesca, e cujo dono é um pescador artesanal associado à APPRPS. Infelizmente, em virtude das fortes chuvas, dos 88 associados (35 pescadores e 53 moradores da comunidade), apenas 6 pescadores estiveram presentes (Foto 32).

Seguindo a mesma metodologia, a quinta reunião teve início com a apresentação dos resultados das reuniões anteriores, referentes aos 4 questionários, fato que provocou as mais diversas reações – ao tomarem conhecimento de que, entre 63 pescadores entrevistados, apenas 8 possuíam o Registro da Pesca, todos ficaram perplexos, pois julgavam que havia na APPRPS 20 pescadores registrados. E quando foi dito que, dos 63 pescadores entrevistados, 47 alegaram parar de pescar durante o período da piracema, todos os presentes discordaram deste resultado. Segundo seus relatos, ninguém cessa a atividade da pesca durante o período de defeso, inclusive eles próprios.



Foto 32: Pescadores da APPRPS - 5º Reunião Participativa.

O tema referente à quantidade de pescado capturado também promoveu novas indignações. Segundo os pescadores presentes, o saldo resultante da pesca gira em torno de 150 a 200 kg de pescado/mês, diferente de 20 a 40 kg/mês, conforme foi relatado por um grupo de 24 pescadores ao responder o questionário. Diante do ocorrido, um dos presentes sugeriu o início de um trabalho voltado para a quantificação de pescado coletado mensalmente, por um período mínimo de um ano.

Outro tema amplamente discutido referiu-se à compra e venda do peixe pequeno nas peixarias de Itaocara. Segundo um dos presentes as peixarias incentivam a captura de peixes pequenos e remuneram muito mal os pescadores, prosseguiu. A espécie mais pescada e vendida é a carpa-do-

rio. Outro pescador confirmou a compra pelas peixarias de exemplares fora da medida de abate, com 800 gramas de peso e comprimento médio de 20 a 25 centímetros, pelo valor de R\$ 1,50 o quilograma. Exemplares de 1.5 a 2 kg e comprimento médio de 27 a 35cm, conseguem ser vendidos a R\$ 3,00.

O resultado dos questionários revela que é por essa razão que grande parte dos pescadores preferem vender seus pescados diretamente aos clientes, ao preço de até R\$ 7,00 o quilograma. Os pescadores presentes afirmaram que as donas de casa também não se importam em comprar peixes pequenos.

Como nas outras regiões, os pescadores presentes consideraram a atividade pesqueira desorganizada, uma vez que ninguém respeita o tamanho mínimo de captura, o período da piracema, e a proibição da captura de espécies ameaçadas de extinção (piabanha, lagosta-de-São Fidélis e o cágado-do-Paraíba).

O cágado-do-paraíba também é muito apreciado e considerado uma iguaria na localidade. Apesar dos pescadores saberem que a espécie está ameaçada de extinção por intermédio do Projeto Piabanha, parecem não conseguir estabelecer uma relação entre a caça predatória e o declínio populacional da espécie. Talvez porque ainda existem populações significativas de cágado na área de influência da APPRPS, acreditem que a pressão nos estoques não acarreta problemas.

Em relação às outras espécies de peixes ameaçadas de extinção os dados dos questionários corroboraram com a posição dos pescadores presentes. O surubim-do-Paraíba, o caximbau-boi ou leiteiro e a grumatã praticamente não são mais capturados na região. Esporadicamente, um caximbau-boi e um surubim-do-paraíba ainda são pescados por ali. – “Quanto a grumatã, essa sim, já está extinta!”, comentou um dos presentes.

Outros temas muito discutidos dizem respeito à subida dos peixes através da escada da Usina Hidrelétrica de Ilha dos Pombos (localizada em Volta Grande, próximo à Além Paraíba-MG e Carmo-RJ); à dificuldade em se cadastrar junto à SEAP/PR e à situação administrativa da APPRPS.

Em relação à escada, os pescadores alegaram que os peixes transpõem a barragem, mas depois não retornam. Entretanto, não estão preocupados com a importância do processo de migração reprodutiva, mas com a possibilidade de não conseguirem capturar mais exemplares.

A montante do empreendimento hidrelétrico da Ilha dos Pombos, e antes da construção do sistema de transposição (escada para peixes), os pescadores de Além Paraíba, MG e Sapucaia, RJ, questionavam a quebra da rota migratória promovida pelo barramento. Não porque tivessem consciência sobre a necessidade de reproduções acima da barragem. A construção da escada possibilitaria a subida de peixes (dourado e curimatã ou carpa-do-rio) que poderiam ser capturados através da pesca predatória. Tal pescaria ocorre nos trechos de Anta e Simplício, onde o estreitamento significativo do rio Paraíba do Sul facilita a pesca predatória em grande escala.

Segundo os pescadores presentes, a grande maioria almeja possuir o Registro da Pesca. Contudo, os problemas de gestão da atual administração da APPRPS, associados ao descrédito que já impera entre a comunidade inviabilizam esse procedimento e todos temem pelo fechamento da associação. Desta forma, foi sugerido pelo Projeto Piabanha que os associados solicitassem aos atuais diretores a convocação de uma Assembléia Geral objetivando a eleição de um novo presidente, novos diretores, e a mudança de local da sede. Atualmente a sede encontra-se localizada dentro do terreno, cujo proprietário é o atual presidente da associação, situação contestada por muitos associados. “ Uma vez eleita a nova diretoria, a mesma reiniciaria o trabalho de registro dos associados na Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República”, finalizou de forma taxativa um dos pescadores presentes e a reunião foi encerrada.

9. Conclusão

De uma maneira geral, o resultado dos quatro questionários demonstrou que a desinformação das comunidades no município estudado interfere no bem-estar social e na integridade ambiental, trazendo transtornos, inclusive, à ordem econômica. O resultado desse processo se traduz em baixos índices de produtividade pesqueira; na exploração excessiva de determinadas espécies de valor comercial; na extinção de espécies; e em ambientes degradados, fatores que impedem o desenvolvimento sustentado e a geração de riqueza. Foi observado ainda que conceitos básicos como a piracema, períodos de defeso, tamanhos mínimos de captura, e animais ameaçados de extinção, dentre outros, ainda não são devidamente reconhecidos por muitos integrantes da comunidade, o que se constitui num grave empecilho para qualquer entendimento sobre a preservação dos recursos naturais.

10. Considerações finais:

A preservação efetiva do domínio das Ilhas Fluviais requer um desenvolvimento sustentado onde os indivíduos e a coletividade construam valores sociais, conhecimentos, habilidades, competências e atitudes sensatas. A transformação do modelo de consumidores em excesso pelo de consumidores moderados, responsáveis, e capazes de refletir sobre as enormes pressões nos estoques pesqueiros e no meio ambiente só é possível através de ações amplas de conscientização e mobilização direcionadas não somente aos pescadores artesanais, mas extensivas a toda sociedade do município de Itaocara. Mas para tal um maior esforço do Poder Público, da iniciativa privada e das Ong's deverão convergir para o desenvolvimento de uma educação ambiental específica para a região.

Apesar da educação ambiental ser uma forte ferramenta, esta por si só não resolverá o problema que vem depauperando o Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul. Um programa mais amplo deveria existir objetivando a reabilitação da pesca. Um programa voltado para a restauração da vegetação das ilhas e margens; estudos voltados para estatística pesqueira, dinâmica de população e determinação do período reprodutivo de todas as espécies de peixes de valor comercial; reforço de estoque pesqueiro (repovoamento) utilizando espécies ameaçadas de extinção; fiscalização; manejo da pesca e por último, o cadastramento dos pescadores artesanais junto à Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da presidência da República. Este último item, supostamente é o que traria maior benefício a um curto espaço de tempo. A ilegalidade da atividade pesqueira gera, antes de tudo, um íntimo desconforto para o próprio pescador conduzindo-o para a exclusão social. Tal situação fomenta o seguinte paradoxo: preservar a classe dos pescadores artesanais ou preservar as espécies ameaçadas de extinção? E desta incógnita surgem outras e outras dúvidas como: Preservar aquilo que não se conhece? Será que isto é possível?

Dentro desta ótica os esforços deveriam ser conduzidos visando modificar a política pública, de forma que o processo de cadastramento do pescador fosse mais simplificado e menos moroso facilitando assim, a primeira liberação da parcela referente ao seguro desemprego, concomitantemente ao momento



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



em que o IBAMA baixar a Portaria decretando o período do defeso. Uma vez inativos e recebendo o seguro devido, seguido de uma séria fiscalização ambiental o problema estará parcialmente sanado.

E por último deveria existir uma união de esforços no sentido de aumentar os estudos referentes ao cultivos de peixes nativos em detrimento as atuais espécies alóctones e exóticas amplamente cultivadas na região aludida. Ao mesmo tempo em que preservará os corpos hídricos contra os riscos de fuga de espécies indesejáveis, fomentará o fortalecendo e a economia das propriedades rurais e até mesmo dos próprios pescadores através da piscicultura e por sua vez, aumentará a oferta de pescado nativo de piscicultura durante o período da piracema, reduzindo em muito o esforço de captura em cima dos estoques naturais.

E por fim o apoio financeiro e logístico das entidades Critical Ecosystem Partnership Fund (Fundo para a Conservação de Ecossistemas Críticos / Conservation International foram cruciais à consolidação do panorama da atividade pesqueira na região do Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior Rio Paraíba do Sul.

12. Referências bibliográficas

- AQUINO, L.C & FARIAS, C. M. M. C. (1998) Processo de ocupação e desenvolvimento econômico da bacia. *Contribuição ao conhecimento da bacia do rio Paraíba do Sul - Coletânea de Estudos*. ANEEL/CPRM, p. 49-54.
- BIZERRIL, C.R.S.F. (1998) A ictiofauna: Diversidade biológica e padrões biogeográficos. In: BIZERRIL, C.R.S.F., ARAÚJO, L.M.N. de, TOSIN, P.C. *Contribuição ao conhecimento da bacia do rio Paraíba do Sul - Coletânea de Estudos*. ANEEL/CPRM, p. 15-48.
- BIZERRIL, C.R.S.F., ARAÚJO, L.M.N. de, TOSIN, P.C. (1998) *Contribuição ao conhecimento da bacia do rio Paraíba do Sul - Coletânea de Estudos*. Rio de Janeiro: ANEEL/CPRM, 128p.
- CARTILHA DO USUÁRIO DO REGISTRO GERAL DA PESCA – RGP. *Direitos e benefícios para quem vive da pesca. Cadastre-se*. Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República. Brasília, 30 p.
- CÂMARA, L. C. S., 2005. A educação ambiental para mudança de atitude frente à pesca predatória no município de Itaocara. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente). Universidade Plínio Leite, 110 p.
- COSTA, A . P. R.; Andrade, D.R.; Vidal Jr. M. V.; Souza, G.; (2005). Indicadores quantitativos da biologia reprodutiva de fêmeas de piau-vermelho no rio Paraíba do Sul. *Pesq. Agropec. Brás.*, Brasília, v.40, n8, p.789-795, ago.2005.
- GIRARDI, L., FARIA, C.A., SANTOS, P. P. , (1993) Reprodução induzida, larvicultura e alevinagem de piabanha (*Brycon insignis*) na Estação de Aquicultura de Paraibuna DESP/SP. In: *ENCONTRO BRASILEIRO DE ICTIOLOGIA*, 10, 1993. Anais...São Paulo, p. 92.
- GUTBERLET, J., SEIXAS, C.S., EDMONTON, A ., 2003. A situação sócio-econômica de comunidades de pesca no alto, médio e baixo rio São Francisco – Uma avaliação rápida e independente. Department of Geography. Univ. de Victoria-Canadá. 100p.
- LOUZADA, M.A.P.¹; VIEIRA, C.M. & SOUZA, G. (2004). A flora do Domínio das Ilhas Fluviais do Curso Médio Inferior do Rio Paraíba do Sul. XXIII Jornada Fluminense de Botânica, Campos dos Goytacazes, RJ, de 19 a 21 de novembro de 2004.
- MELLO, C.S.B, 1997. *Classificação das estações de qualidade de água da bacia do rio Paraíba do Sul em função da análise de componentes principais*. Relatório Técnico, Agência Técnica da Bacia do Rio Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, 7 pp.
- OLIVEIRA, E. A ., 2003. A informação científica na preservação da lagosta-de-São Fidélis (*Machrobachium carcinus*) no rio Paraíba do Sul. Monografia. UENF. 40pp.
- PIZANGO-PAIMA, E.G., PEREIRA-FILHO, M., OLIVEIRA-PEREIRA, M.I. (2001) Composição corporal e alimentar do matrinxã, *Brycon cephalus* (Gunther, 1869), na Amazônia Central. *Acta Amazônica*, 31(3) 509-520.
- SCOTT, P. C.,(2006) Conferência no México discute o cultivo de peixes nativos. *Panorama da Aquicultura*, 16 (97):58-61.



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



SEVÁ, O . A Energia, a Indústria e as Águas. Um roteiro para estudo de problemas ambientais no Estado do RJ. Minuta para apresentação no ICHF/UFF, agosto de 2002, 33p.

ROCHA, C. F. Duarte., SLUYS, M. V., PUOTO, G., FERNANDES, R., BARROS-FILHO, J.D., MELGAREJO, A ., (2000). Répteis. *Fauna Ameaçada de Extinção do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 79 -87.



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



ANEXO I

Questionário Donas de Casa

1) Você já ouvir falar no Projeto Piabanha?

Sim = 457 (81,32%)
Não = 105 (18,68%)

2) Você sabe o que é o Projeto Piabanha?

Sim = 255 (45,45%)
Não = 306 (54,55%)

3) Com qual frequência a sua família consome peixes do rio Paraíba do Sul?

Uma vez/mês = 249 (44,31%)
Quinzenalmente = 82 (14,59%)
Uma vez/semana = 74 (13,17%)
Duas vezes/semana = 72 (12,81%)
Mais vezes/semana = 1 (0,18%)
Nunca = 16 (2,85%)
Difícilmente = 68 (12,10%)

4) Você possui hábito de comer peixes do mar?

Sim = 175 (31,14%)
Não = 387 (68,86%)

5) A cada dez peixes que você compra, quantos são do mar?

1 = 104 (18,31%)
2 = 39 (6,87%)
3 = 13 (2,29%)
4 = 7 (1,23%)
5 = 15 (2,64%)
6 = 2 (0,35%)
7 = 3 (0,53%)
8 = 4 (0,70%)
9 = 1 (0,18%)
10 = 16 (2,82%)
nenhum = 364 (64,08%)

6) Se por alguns meses a venda de pescado do rio fosse interrompida, você consumiria peixe do mar ou de piscicultura?

Sim = 392 (69,63%)
Não = 136 (24,16%)
Não faz diferença = 35 (6,22%)

7) Você já comeu peixe de piscicultura?

Sim = 485 (86,45%)
Não = 76 (13,55%)

8) Qual espécie?

Tambaqui	= 306 (21,25%)
Tilápia	= 303 (21,04%)
Carpa	= 271 (18,82%)
Cabeça grande	= 107 (7,43%)
Lambari ou piaba	= 98 (6,81%)
Carpa capim	= 77 (5,35%)
Tambacu	= 53 (3,68%)
Pacu	= 49 (3,40%)
Pirapitinga	= 43 (2,99%)
Piauçu	= 16 (1,11%)
Outros	= 43 (2,99%)
Nenhum	= 74 (5,14%)

9) Qual dessas espécies você mais gostou?

Tambaqui	= 174 (24,23%)
Carpa	= 160 (22,28%)
Tilápia	= 174 (24,23%)
Cabeça grande	= 31 (4,32%)
Tambacu	= 13 (1,81%)
Lambari	= 24 (3,34%)
Carpa capim	= 23 (3,20%)
Pacu	= 13 (1,81%)
Pirapitinga	= 11 (1,53%)
Piauçu	= 3 (0,42%)
Outros	= 14 (1,95%)
Nenhum	= 78 (10,86%)

10) Gostou do sabor?

Gostou	= 210 (37,17%)
Achou muito saborosa	= 187 (33,10%)
Gostou um pouco	= 61 (10,80%)
Não gostou	= 34 (6,02%)
Não comeu	= 73 (12,92%)

11) Você consumiria mais peixes de piscicultura, caso estivessem disponíveis nas peixarias da cidade a um preço mais baixo que os peixes pescados no rio Paraíba do Sul?

Sim	= 393 (70,05%)
Não	= 168 (29,95%)

12) Quais os peixes marinhos que você mais consome?

File de cação	= 116 (12,45%)
Sardinha	= 106 (11,37%)
Peruá	= 79 (8,48%)
Merlusa	= 73 (7,83%)
Corvina	= 71 (7,62%)
Pescadinha	= 55 (5,90%)
Outros	= 84 (9,01%)
Nenhum	= 348 (37,34%)

- 13) E os peixes e camarões do rio Paraíba do Sul? Em ordem de consumo quais as mais consumidas?
- | | |
|---|-----------------|
| Cascudo/caximbau (<i>Hypostomus</i> sp.) | = 337 (22,24%) |
| Carpa do rio/curimatã (<i>Prochilodus lineatus</i>) | = 293 (19,34%) |
| Tainha (<i>Mugil</i> sp.) | = 203 (13,40%) |
| Traira (<i>Hoplias malabaricus</i>) | = 181 (11,95%) |
| Dourado (<i>Salminus maxillosus</i>) | = 133 (8,78%) |
| Robalo (<i>Centropomum</i> sp.) | = 108 (7,13%) |
| Pau vermelho (<i>Leporinus copelandi</i>) | = 52 (3,43%) |
| Camarão (<i>Atya</i> sp.) | = 51 (3,37%) |
| Outros | = 36 (2,38%) |
| Piau branco (<i>Leporinus conirostris</i>) | = 12 (0,79%) |
| Não consome | = 46 (3,04%) |
| Bagre (<i>Rhandia paraguayana</i>) | = 25 (1,65%) |
| Lambari (<i>Astyanax bimaculatus</i>) | = 20 (1,32%) |
| Lagosta (<i>Machrobachium carcinus</i>) | = 7 (0,46%) |
| Piabanha (<i>Brycon insignis</i>) | = 6 (0,40%) |
| Mandi (<i>Pimelodus maculatus</i>) | = 5 (0,33%) |
- 14) Você compra peixes do rio Paraíba do Sul nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro?
- | | |
|------------|------------------|
| Sim | = 331 (83,01%) |
| Não | = 201 (14,78%) |
| Não lembra | = 30 (2,21%) |
- 15) Você sabe o que é piracema?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 204 (36,36%) |
| Não | = 357 (63,64%) |
- 16) Se você soubesse que durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro os peixes do rio Paraíba do Sul estão ovados, preparados para a reprodução ainda assim você compraria?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 47 (8,36%) |
| Não | = 515 (91,64%) |
- 17) Se você soubesse que durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro a pesca no rio Paraíba do Sul é proibida por lei, você continuaria comprando peixes?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 43 (7,65%) |
| Não | = 519 (92,35%) |
- 18) Você sabe qual é o tamanho mínimo de captura?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 38 (6,76%) |
| Não | = 524 (93,24%) |
- 19) Você compra filé de peixe de rio?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 356 (63,35%) |
| Não | = 206 (36,65%) |
- 20) Se você soubesse que o filé de peixe que você comprou, foi retirado de um peixe pequeno, ainda jovem, que ainda não tem idade para se reproduzir, ainda assim você compraria este peixe?
- | | |
|--------|-----------------|
| Sim | = 36 (6,39%) |
| Não | = 526 (93,43%) |
| Talvez | = 1 (0,18%) |

- 21) Em qual estabelecimento você compra mais peixe?
- | | |
|-------------------------|-----------------|
| Diretamente do pescador | = 287 (44,15%) |
| Peixaria do Tomé | = 153 (23,54%) |
| Peixaria do Nino | = 114 (17,54%) |
| Peixaria da Neide | = 28 (4,31%) |
| Peixaria do Baiano | = 16 (2,46%) |
| Não compra peixes | = 32 (4,92%) |
| Mercado | = 7 (1,08%) |
| Pesque pague | = 8 (1,23%) |
| Restaurante | = 5 (0,77%) |
- 22) Você já comeu o peixe piabanha?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 112 (19,96%) |
| Não | = 449 (80,04%) |
- 23) Quantas vezes você já comeu o peixe piabanha?
- | | |
|--------------|-----------------|
| 1 vez | = 30 (5,32%) |
| 2 vezes | = 14 (2,48%) |
| 3 vezes | = 3 (0,53%) |
| Várias vezes | = 69 (12,23%) |
| Nenhuma | = 448 (79,43%) |
- 24) Por que você nunca comeu o peixe piabanha?
- | | |
|----------------------|-----------------|
| Não conhece | = 388 (68,79%) |
| Não gosta de peixe | = 29 (5,14%) |
| Porque está ameaçado | = 24 (4,26%) |
| Outras alternativas | = 123 (21,81%) |
- 25) Na sua opinião como deve estar a população de piabanhas no rio Paraíba do Sul?
- | | |
|---------------------|-----------------|
| Muito pequena | = 343 (61,03%) |
| Média | = 165 (29,36%) |
| Grande | = 48 (8,54%) |
| Não soube responder | = 6 (1,07%) |
- 26) Qual a provável causa da baixa população de piabanha?
- | | |
|-----------------------|-----------------|
| Pesca predatória | = 320 (33,30%) |
| Poluição | = 257 (26,74%) |
| Falta de fiscalização | = 174 (18,11%) |
| Outras | = 93 (9,68%) |
| Falta mata ciliar | = 68 (7,08%) |
| Introdução dourado | = 20 (2,08%) |
| Não soube responder | = 29 (3,02%) |
- 27) Deixaria de comprar a piabanha se soubesse que está ameaçada de extinção?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 520 (92,69%) |
| Não | = 41 (7,31%) |
- 28) Você já ouviu falar no animal cágado-de-hogey?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 215 (38,32%) |
| Não | = 346 (61,68%) |



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



- 29) Você já comeu um cágado-de-hogey?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 32 (5,69%) |
| Não | = 530 (94,31%) |
- 30) Deixaria de comer se soubesse que está ameaçado de extinção?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 529 (94,13%) |
| Não | = 33 (5,87%) |
- 31) Aproximadamente você sabe quantos pescadores artesanais vivem da pesca no município de Itaocara?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 13 (2,31%) |
| Não | = 549 (97,69%) |
- 32) Você se interessa pelas causas ambientais?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 520 (92,69%) |
| Não | = 41 (7,31%) |
- 33) Você acha que deveria ter uma fiscalização mais eficiente contra o pescador que infringir a Lei que proíbe a pesca durante o período da piracema?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 549 (97,69%) |
| Não | = 13 (2,31%) |
- 34) Gostaria de participar de uma reunião ambiental?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 446 (79,50%) |
| Não | = 115 (20,50%) |
- 35) Gostaria de receber trimestralmente um jornal do Projeto Piabanha contendo informações ambientais?
- | | |
|-----|-----------------|
| Sim | = 538 (95,73%) |
| Não | = 24 (4,27%) |

Questionário Donos de Peixaria

- 1) Você já ouviu falar do Projeto Piabanha?
- | | |
|-----|---------------|
| Sim | = 3 (100,00%) |
|-----|---------------|
- 2) Você sabe o que é o Projeto Piabanha?
- | | |
|-----|---------------|
| Sim | = 3 (100,00%) |
|-----|---------------|
- 3) Com qual frequência você comercializa a piabanha?
- | | |
|----------------|---------------|
| Bimestralmente | = 1 (33,33%) |
| Anualmente | = 1 (33,33%) |
| Raramente | = 1 (33,33%) |
- 4) Nos últimos 5 anos você tem vendido mais ou menos piabanha?
- | | |
|-------|---------------|
| Mais | = 1 (33,33%) |
| Menos | = 2 (66,67%) |
- 5) A cada 10 peixes que você vende quantos são piabanha?
- | | |
|--------|---------------|
| Nenhum | = 3 (100,00%) |
|--------|---------------|

- 6) Como você acha que deve estar a população de piabanhas no rio?
 Pequena = 2 (66,67%)
 Média = 1 (33,33%)
- 7) Quando foi a última vez que você vendeu o caximbau boi ou leiteiro?
 2 anos atrás = 1 (33,33%)
 Mais de 4 anos atrás = 2 (66,67%)
- 8) Você vende peixes para atravessadores de outros municípios?
 Sim = 1 (33,33%)
 Não = 2 (66,67%)
- 9) A cada 10 peixes que você vende, quantos são para atravessadores de outros municípios?
 Nenhum = 2 (66,67%)
 3 = 1 (33,33%)
- 10) Quando foi a última vez que você vendeu o surubim-do-Paraíba?
 Nunca vendeu = 1 (33,33%)
 Mais de 4 anos = 2 (66,67%)
- 11) Quando foi a última vez que você vendeu a grumatã (olho de fogo – *Prochilodus vimbooides*)?
 A mais de 4 anos = 2 (66,67%)
 Nunca vendeu = 1 (33,33%)
- 12) Em média quantos quilos de pescado você vende por mês?
 Não tem idéia = 1 (33,33%)
 Entre 100 a 200 kg = 1 (33,33%)
 800 a 1000 = 1 (33,33%)
- 13) Quantos pescadores vendem peixe para você?
 Nenhum = 1 (33,33%)
 Entre 10 a 12 pescadores = 1 (33,33%)
 Entre 12 a 14 pescadores = 1 (33,33%)
- 14) Quais as espécies do rio Paraíba, em ordem decrescente, que são mais vendidas? REVER % LOUCA
 Piau vermelho (*Leporinus copelandii*) = 1 (7,14%)
 Dourado (*Salminus maxilosus*) = 2 (14,29%)
 Camarão (*Atya* sp.) = 1 (7,14%)
 Caximbau acari (*Hypostomus* sp) = 2 (14,29%)
 Carpa do rio (*Prochilodus lineatus*) = 1 (7,14%)
 caximbau lageiro (*Hypostomus* sp) = 2 (14,29%)
 traíra (*Hoplias malabaricus*) = 2 (14,29%)
 mandi (ver o nome) = 1 (7,14%)
 robalo (*Centropomum* sp.) = 1 (7,14%)
 piabanha (*Brycon insignis*) = 1 (7,14%)
- 15) Em relação a lagosta (*Machrobachium carcinus*) quantos quilos você vende por mês?
 Não vende = 1 (33,33%)
 20 kg = 1 (33,33%)
 40 kg = 1 (33,33%)

- 16) Ainda em relação a lagosta, qual o período que você mais compra?
 Março, abril, maio, junho e julho = 1 (33,33%)
 Não sabe = 1 (33,33%)
 Não vende = 1 (33,33%)
- 17) Quais os meses que você mais vende peixe do rio Paraíba do Sul?
 Março = 1 (9,09%)
 Não sabe = 1 (9,09%)
 Abril = 1 (9,09%)
 Maio = 2 (18,18%)
 junho = 2 (18,18%)
 julho = 1 (9,09%)
 agosto = 1 (9,09%)
 setembro = 1 (9,09%)
 outubro = 1 (9,09%)
- 18) Você sabe o que é piracema?
 Sim = 3 (100,00%)
- 19) Durante a piracema você pára de vender peixes do rio Paraíba do Sul?
 Sim = 1 (33,33%)
 Não = 1 (33,33%)
 Trabalha com estoque congelado = 1 (33,33%)
- 20) Se todas as outras peixarias parassem de comercializar pescado capturado na época da piracema você também pararia?
 Sim = 3 (100,00%)
- 21) Você sabe o que é tamanho mínimo de captura?
 Sim = 2 (66,67%)
 Não = 1 (33,33%)
- 22) Você compra peixe pequeno?
 Sim = 1 (33,33%)
 Não = 2 (66,67%)
- 23) Qual o peixe pequeno, fora da medida mínima de captura, que você mais compra?
 Carpa do rio ou curimatã (*Prochilodus lineatus*) = 1 (33,33%)
 Não compra peixes pequenos = 2 (66,67%)
- 24) Como você vende o peixe pequeno?
 Em filé = 1 (33,33%)
 Não vende = 2 (66,67%)
- 25) Por que você compra o peixe pequeno?
 Os peixes grandes são raros = 1 (33,33%)
 Não compra = 2 (66,67%)

26) Se você soubesse que o peixe pequeno que você comprou para fazer filé é jovem e nunca reproduziu ainda assim, você o compraria?

Sim = 1 (33,33%)
 Não = 2 (66,67%)

27) Na sua opinião os peixes e as lagostas do rio Paraíba do Sul estão acabando?

Sim = 1 (33,33%)
 Não = 2 (66,67%)

28) Na sua opinião em ordem decrescente qual o motivo da queda do pescado?

Poluição = 2 (18,18%)
 Descumprimento do período do defeso = 2 (18,18%)
 Pesca amadora predatória = 2 (18,18%)
 Barragens hidrelétrica = 2 (18,18%)
 Comércio de peixe durante o período do defeso = 1 (9,09%)
 Pesca e venda de peixe pequeno = 1 (9,09%)
 Todas as alternativa = 1 (9,09%)

29) Você deixaria de comercializar peixes pequenos e peixes pescados no período do defeso se isso fosse aumentar os estoques pesqueiros?

Sim = 3 (100,00%)

30) A cada 10 peixes que você vende quantos são do mar?

Nenhum = 2 (66,67%)
 3 = 1 (33,33%)

31) Quais as 3 espécies marinhas, em ordem decrescente, mais vendidas?

Corvina, pescadinha e sardinha.

32) Você vende peixe de criação?

Sim = 2 (66,67%)
 Não = 1 (33,33%)

33) A cada 10 peixes que você vende quantos são de criação?

Nenhum = 2 (66,67%)
 1 = 1 (33,33%)

34) Se você comercializa quais as 3 espécies mais vendidas por ordem de venda?

Tambaqui, cabeça grande e tilápia.

35) Na sua opinião o que os clientes acham do sabor do peixe de criação?

Ruim = 1 (33,33%)
 Bom = 1 (33,33%)
 Não soube responder = 1 (33,33%)

36) Caso os clientes sejam conscientizados, você acha possível deixar de vender peixe do rio Paraíba do Sul ao menos durante o período da piracema e passar a vender peixes de piscicultura?

Sim = 3 (100,00%)

37) Você acha que falta fiscalização para coibir a pesca e venda predatória no município de Itaocara?

Sim = 1 (33,33%)

Não = 2 (66,67%)

38) Você ajudaria fazer um trabalho de conscientização da população no sentido de consumir peixes marinhos e de piscicultura, pelo menos no período do defeso?

Sim = 3 (100,00%)

39) Gostaria de participar de uma reunião ambiental organizada pelo Projeto Piabanha?

Sim = 3 (100,00%)

40) Gostaria de receber um jornal trimestral do Projeto Piabanha contendo informações ambientais desenvolvidas pela nossa instituição?

Sim = 3 (100,00%)

Questionário donos de bares e restaurantes

1) Você já ouviu falar no Projeto Piabanha?

Sim = 18 (100,00%)

2) Você sabe o que é o Projeto Piabanha?

Sim = 11 (61,11%)

Não = 7 (38,89%)

3) Você compra peixes do rio Paraíba do Sul durante os meses de:

Novembro = 7 (17,95%)

Dezembro = 7 (17,95%)

Janeiro = 7 (17,95%)

Fevereiro = 7 (17,95%)

Não compra peixes = 7 (17,95%)

Não lembra = 4 (10,26%)

4) Você sabe o que é piracema?

Sim = 13 (72,22%)

Não = 5 (27,78%)

5) Se você soubesse que durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro os peixes do rio Paraíba estão ovados, preparados para a reprodução, você continuaria comprando peixes durante este período?

Sim = 1 (5,56%)

Não = 11 (61,11%)

Compro porque já estão mortos = 3 (16,67%)

Não faz diferença = 3 (16,67%)

6) Se você soubesse que durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro a pesca no rio Paraíba do Sul é proibida por Lei, ainda assim você continuaria comprado pescado deste rio?

Sim = 1 (5,56%)

Não = 13 (72,22%)

Depende da procura = 1 (5,56%)

Não faz diferença = 3 (16,67%)

- 7) Você conhece o peixe piabanha?
- | | |
|----------------|----------------|
| Sim | = 14 (77,78%) |
| Já ouviu falar | = 4 (22,22%) |
- 8) Você oferece o peixe piabanha para os seus clientes?
- | | |
|-----|----------------|
| Sim | = 3 (16,67%) |
| Não | = 15 (83,33%) |
- 9) Por que você não oferece a piabanha para os clientes?
- | | |
|------------------------|---------------|
| Ouviu dizer que é ruim | = 1 (5,56%) |
| Ninguém pede | = 4 (22,22%) |
| Não acha para comprar | = 5 (27,78%) |
| Não tem no cardápio | = 4 (22,22%) |
| Outras | = 4 (22,22%) |
- 10) Como você acha que deve estar as populações de piabanhas no rio?
- | | |
|----------|----------------|
| Pequena | = 11 (61,11%) |
| Média | = 2 (11,11%) |
| Grande | = 1 (5,56%) |
| Não sabe | = 4 (22,22%) |
- 11) Qual a provável causa da baixa população de piabanha?
- | | |
|-------------------------------------|---------------|
| Poluição | = 7 (25,00%) |
| Pesca predatória | = 4 (14,29%) |
| Falta de fiscalização | = 3 (10,71%) |
| Introdução do dourado | = 3 (10,71%) |
| Falta de mata ciliar - desmatamento | = 2 (7,14%) |
| Outras | = 9 (32,14%) |
- 12) Deixaria de comprar se soubesse que a piabanha esta ameaçada de extinção?
- | | |
|-----|----------------|
| Sim | = 17 (94,44%) |
| Não | = 1 (5,56%) |
- 13) Qual a frequência do produto peixe no cardápio do seu estabelecimento?
- | | |
|----------------|---------------|
| 1 vez/semana | = 4 (22,22%) |
| 2 vezes/semana | = 3 (16,67%) |
| 3 vezes/semana | = 2 (11,11%) |
| 4 vezes/semana | = 1 (5,56%) |
| 6 vezes/semana | = 1 (5,56%) |
| 7 vezes/semana | = 5 (27,78%) |
| raramente | = 2 (11,11%) |
- 14) Qual é o tipo de peixe que você mais oferece para os seus clientes?
- | | |
|------------------|----------------|
| Peixes água doce | = 12 (54,55%) |
| Marinhos | = 7 (31,82%) |
| Piscicultura | = 3 (13,64%) |
- 15) Quais as 3 espécies marinhas mais procuradas?
- | | |
|---------|----------------|
| Nenhuma | = 11 (44,00%) |
| Corvina | = 5 (20,00%) |

Merluza	=	3 (12,00%)
Filé de cação	=	2 (8,00%)
Pescadinha	=	1 (4,00%)
Outras	=	3 (12,00%)

16) Existe procura por lagosta do rio Paraíba do Sul (*Machrobachium carcinus*) no seu estabelecimento?

Sim	=	6 (33,33%)
Não	=	12 (66,67%)

17) Existe procura por camarão do rio Paraíba do Sul (*Atya* sp.) no seu estabelecimento?

Sim	=	8 (44,44%)
Não	=	10 (55,56%)

18) Com qual freqüência você oferece lagosta e camarão para seus clientes?

Nunca	=	8 (44,44%)
Raramente	=	6 (33,33%)
Semanalmente	=	2 (11,11%)
Quinzenalmente	=	1 (5,56%)
Mensalmente	=	1 (5,56%)

19) Quais as 3 espécies de peixe de piscicultura que são mais procuradas pelos seus clientes?

Nenhum	=	9 (32,14%)
Tambaqui	=	5 (17,86%)
Carpa capim	=	4 (14,29%)
Tilápia	=	3 (10,71%)
Tambacu	=	2 (7,14%)
Cabeça grande	=	2 (7,14%)
Carpa do rio /curimatã	=	1 (3,57%)
Pacu	=	1 (3,57%)
Não tem no cardápio	=	1 (3,57%)

20) A cada 10 peixes que você oferece para seus clientes, quantos são do mar?

Nenhum	=	11 (61,11%)
2	=	1 (5,56%)
7	=	2 (11,11%)
10	=	4 (22,22%)

21) Atualmente qual a aceitação, entre os seus clientes, em relação ao sabor dos peixes marinhos?

Boa	=	7 (38,89%)
Não gostam	=	1 (5,56%)
Não tem no cardápio	=	10 (55,56%)

22) A cada 10 peixes que você oferece para os seus clientes quantos são do rio?

Nenhum	=	5 (27,78%)
1	=	1 (5,56%)
2	=	1 (5,56%)
4	=	1 (5,56%)
10	=	10 (55,56%)

- 23) A cada 10 peixes que você compra quantos são de piscicultura?
- | | | |
|-----------|---|--------------|
| 0 | = | 10 (55,56%) |
| 1 peixe | = | 2 (11,11%) |
| 2 peixes | = | 1 (5,56%) |
| 3 peixes | = | 3 (16,67%) |
| 4 peixes | = | 1 (5,56%) |
| 10 peixes | = | 1 (5,56%) |
- 24) Atualmente qual a aceitação, entre os seus clientes, em relação ao sabor dos peixes de piscicultura?
- | | | |
|---------------------|---|--------------|
| Boa | = | 7 (38,89%) |
| Não gostam | = | 1 (5,56%) |
| Não tem no cardápio | = | 10 (55,56%) |
- 25) Se por alguns meses a venda do pescado do rio fosse interrompida, você compraria peixes do mar?
- | | | |
|-------------------|---|--------------|
| Sim | = | 14 (77,78%) |
| Não | = | 3 (16,67%) |
| Não faz diferença | = | 1 (5,56%) |
- 26) Se por alguns meses a venda de pescado do rio fosse interrompida você compraria peixes de piscicultura?
- | | | |
|-------------------|---|--------------|
| Sim | = | 15 (83,33%) |
| Não | = | 2 (11,11%) |
| Não faz diferença | = | 1 (5,56%) |
- 27) Você sabe o que é tamanho mínimo de captura?
- | | | |
|-----|---|--------------|
| Sim | = | 7 (38,89%) |
| Não | = | 11 (61,11%) |
- 28) De que jeito você costuma comprar os peixes?
- | | | |
|-------------------|---|--------------|
| Inteiro | = | 10 (40,00%) |
| Filé | = | 9 (36,00%) |
| Em postas | = | 5 (20,00%) |
| Não compra peixes | = | 1 (4,00%) |
- 29) Você compra filé de peixes do rio Paraíba do Sul?
- | | | |
|----------|---|--------------|
| Sim | = | 7 (38,89%) |
| Não | = | 10 (55,56%) |
| As vezes | = | 1 (5,56%) |
- 30) Quais são as espécies de peixe do rio Paraíba do Sul que você mais utiliza no seu estabelecimento?
- | | | |
|-------------------------|---|--------------|
| Carpa do rio (curimatã) | = | 10 (27,03%) |
| Cascudo/caximbau | = | 7 (18,92%) |
| Traíra | = | 6 (16,22%) |
| Piau vermelho | = | 3 (8,11%) |
| Robalo | = | 3 (8,11%) |
| Tainha | = | 2 (5,41%) |
| Dourado | = | 1 (2,70%) |
| Nenhum | = | 5 (13,51%) |

31) Onde você compra o seu pescado?

Em peixarias	=	5 (17,86%)
Frigoríficos	=	4 (14,29%)
Direto dos pescadores	=	9 (32,14%)
Peixarias motorizada	=	3 (10,71%)
Direto do criador	=	4 (14,29%)
Você mesmo pesca	=	3 (10,71%)

32) Você compra peixes pequenos – fora das medidas mínimas de captura – do rio Paraíba do Sul?

Sim	=	3 (16,67%)
Não	=	11 (61,11%)
Não compro peixes	=	1 (5,56%)
Não soube responder	=	3 (16,67%)

33) Em ordem decrescente quais os peixes pequenos do rio Paraíba do Sul que você mais compra?

Carpa do rio (curimatã), tainha e robalo.

34) Como você vende o peixe pequeno?

Inteiro	=	1 (5,26%)
Em filé	=	2 (10,53%)
Em postas	=	2 (10,53%)
Não vende peixes pequenos	=	14 (73,68%)

35) Por que você compra o peixe pequeno?

Os peixes grandes são raros	=	3 (16,67%)
Não compra peixe pequeno	=	15 (83,33%)

36) Se você soubesse que o filé que você comprou foi retirado de um peixe jovem, que nunca se reproduziu, ainda assim, você o compraria?

Sim	=	1 (5,56%)
Não	=	14 (77,78%)
Já estão mortos mesmo	=	1 (5,56%)
Não ofereço peixe	=	2 (11,11%)

37) Na sua opinião os peixes do rio Paraíba do Sul estão acabando?

Sim	=	16 (88,89%)
Não	=	2 (11,11%)

38) Na sua opinião as lagostas do rio Paraíba do Sul (*Machrobachium carcinus*) estão acabando?

Sim	=	13 (72,22%)
Não	=	4 (22,22%)
Não sabe	=	1 (5,56%)

39) Na sua opinião os camarões (*Atya sp.*) do rio do Paraíba do Sul estão acabando?

Sim	=	14 (77,78%)
Não	=	3 (16,67%)
não sabe	=	1 (5,56%)

40) Em ordem decrescente qual o motivo da queda populacional de pescado?

Poluição, descumprimento do período do defeso, pesca e venda dos peixes pequenos, pesca amadora predatória e barragens hidrelétricas.

41) Você deixaria de comercializar peixes pequenos e peixes pescados no período do defeso se isso fosse aumentar os estoques pesqueiros?

Sim = 16 (88,89%)
Não = 2 (11,11%)

42) Você ajudaria fazer um trabalho de conscientização da população no sentido de consumir mais peixes marinhos e de piscicultura ao menos no período do defeso?

Sim = 17 (94,44%)
Não sabe = 1 (5,56%)

43) Caso os clientes sejam conscientizados você acha possível deixar de vender peixe do rio Paraíba durante o período do defeso e passar a vender peixe marinho e de piscicultura?

Sim = 15 (83,33%)
Talvez = 3 (16,67%)

44) Gostaria de participar de uma reunião ambiental?

Sim = 15 (83,33%)
Não = 3 (16,67%)

45) Qual o melhor horário para você poder participar da reunião?

Não gostaria = 3 (15,79%)
Manhã = 1 (5,26%)
Tarde = 3 (15,79%)
Noite = 12 (63,16%)

46) Gostaria de receber, trimestralmente, um jornal do projeto piabanha contendo informações ambientais desenvolvidas pela nossa instituição?

Sim = 17 (94,44%)
Não = 1 (5,56%)

Questionário dos Pescadores Artesanais

1) Você já ouviu falar no projeto piabanha?

Sim = 63 pescadores (100,00%)

2) Você sabe o que é o Projeto Piabanha?

Sim = 46 pescadores (73,02%)
Não = 17 pescadores (26,98%)

3) Com qual frequência você pesca a piabanha?

Semanalmente = 2 pescadores (2,99%)
Quinzenalmente = 1 pescador (1,49%)
Mensalmente = 5 pescadores (7,46%)
Bimestralmente = 5 pescadores (7,46%)
Trimestralmente = 5 pescadores (7,46%)
Semestralmente = 10 pescadores (14,93%)
Anualmente = 34 pescadores (50,75%)
Nunca pescou = 5 pescadores (7,46%)

- 4) Aproximadamente quantas piabanhas você tem pescado por ano?
- | | | |
|---------|---|-------------------------|
| Nenhuma | = | 19 pescadores (29,23%) |
| 10 | = | 8 pescadores (12,31%) |
| 01 | = | 15 pescadores (23,08%) |
| 02 | = | 8 pescadores (12,31%) |
| 03 | = | 3 pescadores (4,62%) |
| 04 | = | 3 pescadores (4,62%) |
| 05 | = | 4 pescadores (6,15%) |
| 15 | = | 2 pescadores (3,08%) |
| 08 | = | 1 pescador (1,54%) |
| 09 | = | 1 pescador (1,54%) |
| Mais | = | 1 pescador (1,54%) |
- 5) Nos últimos 5 anos você tem pescado mais ou menos piabanha?
- | | | |
|-------|---|-------------------------|
| Mais | = | 20 pescadores (31,25%) |
| Menos | = | 44 pescadores (68,75%) |
- 6) A cada dez peixes que você pesca quantos são piabanha?
- | | | |
|--------|---|-------------------------|
| nenhum | = | 58 pescadores (92,06%) |
| 01 | = | 3 pescadores (4,76%) |
| 02 | = | 1 pescador (1,59%) |
| 08 | = | 1 pescador (1,59%) |
- 7) Quando você pesca a piabanha você a solta?
- | | | |
|--------------------|---|-------------------------|
| Sim | = | 21 pescadores (32,81%) |
| Não | = | 8 pescadores (12,50%) |
| Depende da pesca | = | 10 pescadores (15,63%) |
| Depende do tamanho | = | 25 pescadores (39,06%) |
- 8) Como você acha que deve estar as populações de piabanhas no rio?
- | | | |
|----------|---|-------------------------|
| Pequena | = | 32 pescadores (50,79%) |
| Média | = | 23 pescadores (36,51%) |
| Grande | = | 5 pescadores (7,94%) |
| Não sabe | = | 3 pescadores (4,76%) |
- 9) Quando foi a ultima vez que você pescou o caximbau boi ou leiteiro?
- | | | |
|------------------|---|-------------------------|
| Nunca pescou | = | 28 pescadores (44,44%) |
| Bimestre passado | = | 1 pescador (1,59%) |
| Semestre passado | = | 1 pescador (1,59%) |
| Ano passado | = | 4 pescadores (6,35%) |
| 2 anos atrás | = | 4 pescadores (6,35%) |
| 3 a 4 anos atrás | = | 3 pescadores (4,76%) |
| Mais de 4 anos | = | 22 pescadores (34,92%) |
- 10) Quando foi a última vez que você pescou o surubim-do-Paraíba?
- | | | |
|------------------|---|------------------------|
| 15 dias atrás | = | 1 pescador (1,59%) |
| Semestre passado | = | 1 pescador (1,59%) |
| 2 anos atrás | = | 1 pescador (1,59%) |
| mais de 4 anos | = | 13 pescadores (20,63%) |
| nunca pescou | = | 47 pescadores (4,60%) |

- 11) Quando foi a última vez que pescou a grumatã (olho de fogo) uma que existia no rio Paraíba?
- | | |
|------------------|--------------------------|
| Semestre passado | = 1 pescador (1,59%) |
| Ano passado | = 5 pescadores (7,94%) |
| 2 anos atrás | = 1 pescador (1,59%) |
| 3 a 4 anos atrás | = 1 pescador (1,59%) |
| mais de 4 anos | = 19 pescadores (30,16%) |
| mais de 20 anos | = 13 pescadores (20,63%) |
| nunca pescou | = 23 pescadores (36,51%) |
- 12) Em média quantos kg de pescado você pesca por mês?
- | | |
|---------|-------------------------|
| 10-20 | = 7 pescadores (11,11%) |
| 20-40 | = 24 pescadores (8,10%) |
| 61-80 | = 11 pescadores (7,46%) |
| 81-100 | = 7 pescadores (1,11%) |
| 101-120 | = 6 pescadores (9,52%) |
| 121-140 | = 5 pescadores (7,94%) |
| 181-200 | = 2 pescadores (3,17%) |
| 201-240 | = 1 pescador (1,59%) |
- 13) A cada dez peixes que você pesca quantos você tira para o consumo da sua família?
- | | |
|--------|-------------------------|
| Nenhum | = 1 pescador (1,59%) |
| 10 | = 1 pescador (1,59%) |
| 01 | = 17 pescadores (6,98%) |
| 02 | = 23 pescadores (6,51%) |
| 03 | = 15 pescadores (3,81%) |
| 04 | = 3 pescadores (4,76%) |
| 05 | = 2 pescadores (3,17%) |
| 06 | = 1 pescador (1,59%) |
- 14) Onde você vende o seu pescado?
- | | |
|---|---------------------------|
| Na peixaria | = 37 pescadores (44,58%) |
| Na rua | = 26 pescadores (31,33%) |
| Nos bares e restaurantes | = 7 pescadores (8,43%) |
| Na rua e nas peixarias | = 3 pescadores (3,61%) |
| Nas peixarias, nos bares e restaurantes | = 4 pescadores (4,82%) |
| Todos as possibilidades | = 4 pescadores (4,82%) |
| Atravessadores | = 2 pescadores (2,41%) |
- 15) Qual é a peixaria que mais compra o seu pescado?
- | | |
|--------------------------|---------------------------|
| Peixaria do Tomé | = 35 pescadores (46,05%) |
| Não vende para peixarias | = 17 pescadores (22,37%) |
| Peixaria do Nino | = 13 pescadores (17,11%) |
| Peixaria da Neide | = 8 pescadores (10,53%) |
| Peixaria do Baiano | = 3 pescadores (3,95%) |
- 16) Você pesca sozinho ou em dupla?
- | | |
|---------|--------------------------|
| Sozinho | = 30 pescadores (7,62%) |
| Dupla | = 33 pescadores (2,38%) |

- 17) Se for em dupla o lucro é dividido meio a meio?
- Sim = 34 pescadores (53,97%)
Pesca sozinho = 29 pescadores (46,03%)
- 18) Quais são as 5 espécies do rio Paraíba, em ordem decrescente, que você mais pesca?
- Caximbau acari (*Hypostomus* sp.) = 62 pescadores (22,06%)
Carpa do rio / curimatã (*Prochilodus lineatus*) = 59 pescadores (21,00%)
Caximbau lageiro (*Hypostomus* sp.) = 55 pescadores (19,57%)
Piau vermelho (*Leporinus copelandii*) = 34 pescadores (12,10%)
Traíra (*Hoplias malabaricus*) = 22 pescadores (7,83%)
Dourado (*Salminus maxillosus*) = 18 pescadores (6,41%)
Robalo (*Centropomum* sp.) = 17 pescadores (6,05%)
Lagosta (*Macrobachium carcinus*) = 6 pescadores (2,14%)
Piau branco (*Leporinus cornirostris*) = 4 pescadores (1,42%)
Mandi (*Pimelodus maculatus*) = 2 pescadores (0,71%)
Camarão (*Atya* sp.) = 1 pescador (0,36%)
Piabanha (*Brycon insignis*) = 1 pescador (0,36%)
- 19) Você pesca lagosta?
- Sim = 37 pescadores (58,73%)
Não = 26 pescadores (1,27%)
- 20) Em relação à lagosta quantos kg você pesca por mês?
- Não pesca lagosta = 28 pescadores (44,44%)
50 kilogramas = 2 pescadores (3,17%)
40 kilogramas = 3 pescadores (4,76%)
35 kilogramas = 2 pescadores (3,17%)
30 kilogramas = 1 pescador (1,59%)
25 kilogramas = 1 pescador (1,59%)
20 kilogramas = 4 pescadores (6,35%)
15 kilogramas = 6 pescadores (9,52%)
10 kilogramas = 5 pescadores (7,94%)
05 kilogramas = 11 pescadores (17,46%)
- 21) Ainda em relação a lagosta (*Macrobachium carcinus*) qual o período que você mais pesca esta espécie?
- Não pesca lagosta = 26 pescadores (30,23%)
Março, abril, maio, junho e julho = 27 pescadores (31,40%)
Agosto, setembro e outubro = 27 pescadores (31,40%)
Novembro, dezembro e janeiro = 6 pescadores (6,98%)
- 22) Qual a temporada que você mais pesca?
- Março, abril, maio, junho e julho = 30 pescadores (48,62%)
Agosto, setembro e outubro = 28 pescadores (43,12%)
Novembro, dezembro, Janeiro e fevereiro = 5 pescadores (8,26%)
- 23) Quando você pesca um peixe ovado, o que você faz?
- Solta = 32 pescadores (50,79%)
Não solta = 21 pescadores (33,33%)
Depende do peixe = 10 pescadores (15,87%)

- 24) Você sabe o que é piracema?
 Sim = 54 pescadores (85,71%)
 Não = 9 pescadores (14,29%)
- 25) Durante a piracema você para de vender peixes do rio Paraíba do sul?
 Sim = 47 pescadores (4,60%)
 Não = 16 pescadores (25,40%)
- 26) Se a maioria dos pescadores parassem de pescar na época da piracema você também pararia?
 Sim = 59 pescadores (93,65%)
 Não = 4 pescadores (6,35%)
- 27) Você possui registro de pescador artesanal de Aquicultura e Pesca da Presidência da República / SEAP-PR?
 Sim = 8 pescadores (12,70%)
 Não = 55 pescadores (87,30%)
- 28) Você possui registro de pescador na Colônia Z-21 de São Fidélis?
 Sim = 27 pescadores (42,86%)
 Não = 36 pescadores (57,14%)
- 29) Você sabe o que é tamanho mínimo de captura?
 Sim = 12 pescadores (19,05%)
 Não = 51 pescadores (80,95%)
- 30) Quando você pesca um peixe pequeno o que você faz?
 Solta = 54 pescadores (85,71%)
 Não solta = 6 pescadores (9,52%)
 Depende = 3 pescadores (4,76%)
- 31) Em ordem decrescente qual os 3 peixes pequenos que você mais pesca pra vender?
 Carpa do rio / curimatã = 58 pescadores (40,85%)
 Cascudo = 46 pescadores (32,39%)
 Piau vermelho = 12 pescadores (8,45%)
 Robalo = 9 pescadores (6,34%)
 Dourado = 8 pescadores (5,63%)
 Traíra = 4 pescadores (2,82%)
 Piau branco = 1 pescador (0,70%)
 Não pesca peixe pequeno = 4 pescadores (2,82%)
- 32) Quem mais gosta de comprar o peixe pequeno?
 Cliente de rua = 13 pescadores (20,63%)
 Peixarias = 6 pescadores (9,52%)
 Bares e restaurantes = 4 pescadores (6,35%)
 Todos compram = 3 pescadores (4,76%)
 Ninguém compra = 37 pescadores (58,73%)

- 33) Por que você pesca o peixe pequeno?
- | | |
|-------------------------------|--------------------------|
| É fácil de vender | = 1 pescador (1,59%) |
| É bom fazer filé | = 2 pescadores (3,17%) |
| Os peixes grandes estão raros | = 25 pescadores (9,68%) |
| Não pesco peixe pequeno | = 35 pescadores (55,56%) |
- 34) Na sua opinião qual é o 1º tamanho de reprodução de uma fêmea de piabanha?
- | | |
|----------|---------------------------|
| Não sabe | = 16 pescadores (25,00%) |
| 40-41 cm | = 7 pescadores (10,94%) |
| 34-35 cm | = 5 pescadores (7,81%) |
| 30-31 cm | = 23 pescadores (35,94%) |
| 28-29 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 26-27 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 24-25 cm | = 7 pescadores (10,94%) |
| 20-21 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
- 35) Na sua opinião qual o 1º tamanho da primeira reprodução de uma fêmea de piau-vermelho?
- | | |
|---------------------|---------------------------|
| não soube responder | = 6 pescadores (9,52%) |
| 13-15 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 18-19 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 20-21 cm | = 11 pescadores (17,46%) |
| 22-23 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 24-25 cm | = 17 pescadores (26,98%) |
| 26-27 cm | = 2 pescadores (3,17%) |
| 28-29 cm | = 2 pescadores (3,17%) |
| 30-31 cm | = 10 pescadores (15,87%) |
| 32-33 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 34-35 cm | = 3 pescadores (4,76%) |
| 36-37 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 40-41 cm | = 7 pescadores (11,11%) |
- 36) Na sua opinião qual o 1º tamanho da primeira reprodução de uma fêmea de piau-branco?
- | | |
|---------------------|---------------------------|
| Não soube responder | = 6 pescadores (9,38%) |
| 13-15 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 18-19 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 20-21 cm | = 8 pescadores (12,50%) |
| 22-23 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 24-25 cm | = 13 pescadores (20,31%) |
| 26-27 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 28-29 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 30-31 cm | = 16 pescadores (25,00%) |
| 32-33 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 34-35 cm | = 4 pescadores (6,25%) |
| 36-37 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 40-41 cm | = 7 pescadores (10,94%) |
- 37) Na sua opinião qual o 1º tamanho de da primeira reprodução de uma fêmea de caximbau-acari?
- | | |
|---------------------|---------------------------|
| Não soube responder | = 3 pescadores (4,76%) |
| 10-12 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 13-15 cm | = 26 pescadores (41,27%) |
| 18-19 cm | = 1 pescador (1,59%) |

- | | |
|--|---------------------------|
| 20-21 cm | = 22 pescadores (34,92%) |
| 22-23 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 24-25 cm | = 4 pescadores (6,35%) |
| 30-31 cm | = 5 pescadores (7,94%) |
| 38) Na sua opinião qual o 1º tamanho da primeira reprodução de uma fêmea de caximbau-lageiro? | |
| Não soube responder | = 1 pescador (1,56%) |
| 10-12 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 13-15 cm | = 26 pescadores (40,63%) |
| 16-17 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 18-19 cm | = 2 pescadores (3,13%) |
| 20-21 cm | = 22 pescadores (34,38%) |
| 22-23 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 24-25 cm | = 4 pescadores (6,25%) |
| 30-31 cm | = 4 pescadores (6,25%) |
| 34-35 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 39) Na sua opinião qual o 1º tamanho da primeira reprodução de uma fêmea de carpa do rio (curimatã)? | |
| Não soube responder | = 1 pescador (1,56%) |
| 18-19 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 20-21 cm | = 7 pescadores (10,94%) |
| 22-23 cm | = 4 pescadores (6,25%) |
| 24-25 cm | = 12 pescadores (18,75%) |
| 26-27 cm | = 3 pescadores (4,69%) |
| 30-31 cm | = 20 pescadores (31,25%) |
| 34-35 cm | = 4 pescadores (6,25%) |
| 36-37 cm | = 1 pescador (1,56%) |
| 40-41 cm | = 11 pescadores (17,19%) |
| 40) Na sua opinião qual o 1º tamanho da primeira reprodução de uma fêmea de dourado? | |
| Não soube responder | = 12 pescadores (19,05%) |
| 24-25 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 30-31 cm | = 4 pescadores (6,35%) |
| 34-35 cm | = 5 pescadores (7,94%) |
| 36-37 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 40-41 cm | = 13 pescadores (20,63%) |
| 44-45 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 50-51 cm | = 25 pescadores (39,68%) |
| 52-53 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 41) Na sua opinião qual o 1º tamanho de da primeira reprodução de uma fêmea de robalo? | |
| 18-19 cm | = 3 pescadores (4,76%) |
| 20-21 cm | = 3 pescadores (4,76%) |
| 24-25 cm | = 3 pescadores (4,76%) |
| 28-29 cm | = 1 pescador (1,59%) |
| 30-31 cm | = 5 pescadores (7,94%) |
| 34-35 cm | = 5 pescadores (7,94%) |
| 36-37 cm | = 3 pescadores (4,76%) |
| 40-41 cm | = 22 pescadores (34,92%) |
| 44-45 cm | = 5 pescadores (7,94%) |
| 48-49 cm | = 1 pescador (1,59%) |

50-51 cm	=	8 pescadores (12,70%)
52-53 cm	=	4 pescadores (6,35%)

42) Se você soubesse que o peixe pequeno que você pescou e vendeu, ainda não possuía tamanho para se reproduzir, ainda assim, você o mataria?

Sim	=	9 pescadores (14,29%)
Não	=	45 pescadores (71,43%)
Depende	=	9 pescadores (14,29%)

43) Na sua opinião os peixes do rio Paraíba do Sul estão acabando?

Sim	=	51 pescadores (79,69%)
Não	=	13 pescadores (20,31%)

44) Na sua opinião as lagostas do rio Paraíba do Sul estão acabando?

Sim	=	47 pescadores (73,44%)
Não	=	17 pescadores (26,56%)

45) Na sua opinião qual o motivo da queda de produção de pescado na região de Itaocara?

Poluição	=	14 pescadores (22,64%)
Pesca durante o período do Defeso	=	7 pescadores (11,32%)
Comércio de peixe durante o período do Defeso	=	2 pescadores (2,83%)
Pesca e venda de peixe pequeno	=	10 pescadores (16,04%)
Pesca amadora predatória	=	12 pescadores (19,34%)
Barragens hidrelétricas	=	11 pescadores (18,40%)
Usinas Hidrelétricas	=	2 pescadores (3,30%)
Todas as alternativas	=	1 pescador (0,94%)
Outras	=	4 pescadores (5,19%)

46) Você deixaria de comercializar peixes pequenos e peixes pescados no período do Defeso se isto fosse aumentar a quantidade de peixes no rio?

Sim	=	60 pescadores (95,24%)
Não	=	2 pescadores (3,17%)
Depende	=	1 pescador (1,59%)

47) Você conhece o cágado-de-hogey também conhecido como cágado-de-barbicha?

Sim	=	61 pescadores (96,83%)
Não	=	2 pescadores (3,17%)

48) Durante um mês de pescaria quantas vezes você captura o cágado-de-barbicha?

Nenhuma vez	=	55 pescadores (87,30%)
01 cágado	=	3 pescadores (4,76%)
02 cágados	=	2 pescadores (3,17%)
05 cágados	=	1 pescador (1,59%)
10 cágados	=	2 pescadores (3,17%)

49) Você já comeu o cágado-de-barbicha?

Sim	=	46 pescadores (73,02%)
Não	=	17 pescadores (26,98%)

- 50) De cada 10 cágados-de-barbicha que você captura quantos você abate?
- | | | |
|--------|---|-------------------------|
| Nenhum | = | 40 pescadores (63,49%) |
| 01 | = | 8 pescadores (12,70%) |
| 02 | = | 1 pescador (1,59%) |
| 03 | = | 2 pescadores (3,17%) |
| 04 | = | 1 pescador(1,59%) |
| 05 | = | 2 pescadores (3,17%) |
| 07 | = | 1 pescador (1,59%) |
| 10 | = | 8 pescadores (12,70%) |
- 51) Você já viu um ninho com ovos de cágado-de-barbicha?
- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| Sim | = | 20 pescadores (31,75%) |
| Não | = | 43 pescadores (68,25%) |
- 52) Você come ovos de cágado-de-barbicha?
- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| Sim | = | 17 pescadores (26,98%) |
| Não | = | 46 pescadores (73,02%) |
- 53) Para você o cágado-de-barbicha está ameaçado de extinção?
- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| Sim | = | 52 pescadores (82,54%) |
| Não | = | 11 pescadores (17,46%) |
- 54) Gostaria de participar de uma reunião para encontrar soluções para aumentar a quantidade de peixes no rio Paraíba do Sul?
- | | | |
|---------|---|-------------------------|
| Sim | = | 57 pescadores (90,77%) |
| Não | = | 1 pescador (1,54%) |
| Depende | = | 5 pescadores (7,69%) |
- 55) Gostaria de receber trimestralmente um jornal do Projeto Piabanha, contendo informações ambientais?
- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| Sim | = | 62 pescadores (98,41%) |
| Não | = | 1 pescador (1,59%) |



ANEXO II

Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



ALIANÇA PARA A CONSERVAÇÃO
DA MATA ATLÂNTICA



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND





Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



ALIANÇA PARA A CONSERVAÇÃO
DA MATA ATLÂNTICA



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND





Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



ANEXO III

Lista de documentos necessários para obter a permissão de pesca e registro

- Formulário de requerimento de registro devidamente preenchido e assinado pelo interessado ou seu representante legal, conforme modelo adotado pela SEAP/PR;
- Cópia do documento de identificação pessoal (Carteira de identidade – RG);
- Cópia do comprovante de residência do interessado;
- Cópia do documento de inscrição do CPF;
- Cópia do documento de inscrição do PIS/Pasep (dispensado quando se tratar de registro inicial na SEAP/PR);
- Duas fotos 3x4;
- Comprovante da data da inscrição (1º Registro) no RGP como Pescador profissional em órgão competente à época, se for o caso (quando o interessado possui registro anterior, ou seja, Carteira de Pescador profissional da ex-SUDEPE, IBAMA ou MAPA);
- Cópia do documento de recolhimento bancário da taxa de expedição da Carteira de Pescador Profissional, no valor de R\$10,00 (dez reais).



Apoio:

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND



ANEXO IV

Lista de documentos necessários para a revalidação da Carteira de Pescador Profissional

- Apresentação de Relatório de Desempenho Anual de Atividade, conforme o modelo adotado pela SEAP/PR;
- Comprovação de inscrição na Previdência Social como Segurado Especial ou Autônomo ou comprovante da aposentadoria nessas categorias.
- Quando filiado à entidade representativa da classe cadastrada ou registrada no órgão competente: declaração da respectiva entidade, atestando que o interessado faz da parte sua profissão ou meio principal de vida;
- Quando não filiado à entidade representativa da classe: apresentar o Atesto de dois pescadores já inscritos no RGP da SEAP/PR;
- Cópia do documento de inscrição no PIS/PASEP;
- Quando Pescador Profissional embarcado, apresentar cópia do Certificado de Registro da embarcação utilizada na pesca, se de sua propriedade; ou declaração do proprietário de que faz uso da embarcação de pesca, se for de terceiros.